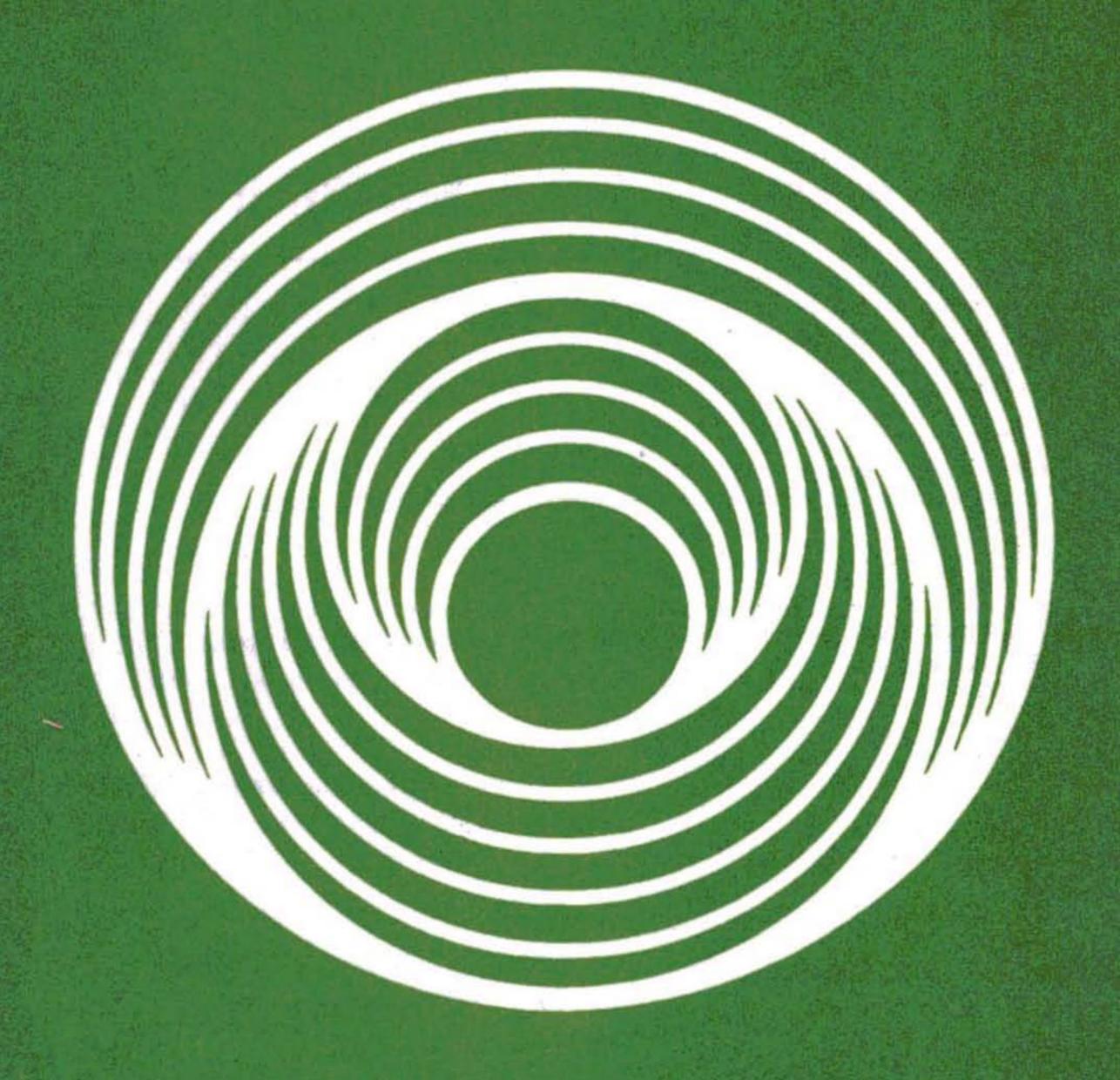
# convergência

SET - 1975 - ANO VIII - Nº 85



- EVANGELIZAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Dom Estêvão Bettencourt, OSB Página 393
- EVOLUÇÃO DO TERMO EVANGELIZAÇÃO
   Pe. João Batista Libânio, SJ
   Página 406
- ORDINÁRIOS DE LUGAR E OS RELIGIOSOS
   O que dizem os Superiores Gerais

# CONVERGENCIA, revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável: Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração: Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar (ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-NEIRO — GB

### Assinaturas para 1975:

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



# SUMÁRIO

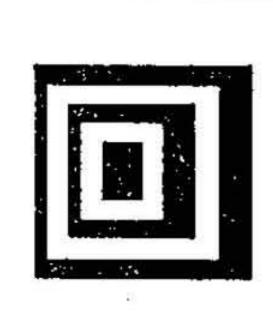
EDITORIAL	385
•	
INFORME DA CRB	387
•	
EVANGELIZAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, Dom Estêvão Bettencourt, OSB	393
EVOLUÇÃO DO TERMO EVAN- GELIZAÇÃO, Pe. João Batista Libânio, SJ	406
ATUALIDADE DA REGRA DE SÃO BENTO, Dom Timóteo Amoroso Anastácio, OSB	419
RELACIONAMENTO ENTRE OS ORDINÁRIOS DE LUGAR E OS RELIGIOSOS, Boletim da USG	425



Evangelizar é comunicar uma alegria, comunicar uma boa-nova. Pressupõe-se como indispensável que haja um instrumento adequado através do qual a mensagem chegue ao seu destino. Jesus ordenou aos discípulos o mesmo: "lde e anunciai a boa-nova" Mc 16, 14. "Eles foram pregar" Mc 16, 20. A palavra continua sendo o meio mais simples e igualmente mais poderoso de comunicação. Pode-se aplicar a ela a missão conferida por Deus ao profeta Jeremias: "Dou-te hoje poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares" Jer 1, 10. Tudo isso se atribui à palavra e também aos outros meios de comunicação: "as maravilhosas invenções da técnica: imprensa, cinema, rádio e televisão", l. M., 1.

Vivemos num mundo magnetizado pela comunicação através de imagens, movimentos, palavra. Todos os sentidos são potenciados por esta realidade de modo exacerbado e quase neurótico. Mesmo a contra gosto somos vítimas de bombardeamentos de mensagens que nem podemos apreciar, nem aproveitar, nem deles nos livrar.

As sociedades de consumo ou regimes totalitários não fazem por menos, na busca trepidante de seus objetivos.



EDITORIAL

Vamos nós cristãos fugir? Deixar que o mundo fique com os "filhos das trevas"? Ou vamos descobrir os caminhos que levam a palavra, a libertação e a salvação do homem? Outra não pode ser a atitude. E menos ainda a dos religiosos.

Neste número, o leitor encontrará dois trabalhos particularmente importantes.

Dom Estêvão Bettencourt escreve sobre os meios de comunicação aplicados à evangelização. Trabalho elaborado com precisão de dados e espírito crítico. Não se pode imaginar um trabalho de evangelizar à margem dos modernos meios de comunicação social. Isso se aplica especialmente aos principais agentes do anúncio: "Bispos, sacerdotes, religiosos, leigos e todos os que têm responsabilidade no seio do povo de Deus, são convidados insistentemente a escrever na imprensa e a participar em emissões radiofônicas e televisivas." Mais urgente é a responsabilidade dos religiosos no Brasil diante das distâncias, das rápidas transformações, das investidas de todo tipo, tendentes à descristianização. Não se pode imaginar hoje uma formação responsável para a vida religiosa sem uma orientação segura sobre a utilização dos meios de comunicação. Seríamos pessoas de mentalidade retrógrada, sem instrumental adequado para o anúncio do Evangelho. Correríamos

o risco de faltar à fidelidade de nossa missão.

Pe. J. B. Libânio faz uma análise exaustiva do termo evangelização. Pode parecer à primeira vista pouco sugestivo. Na realidade é o contrário que se passa. Por trás dos quatro significados principais do termo, emerge a reflexão teológica característica da época, determinando a ação missionária da Igreja. A evolução foi tão notável que o Concílio Vaticano II preocupou-se explicitamente da matéria, bem como o Sínodo de 1974. Este trabalho pode nos dar uma preciosa orientação para atividades pastorais.

Dom Timóteo Anastácio nos oferece à meditação, cinco elementos distintivos do carisma beneditino. Uma aproximação com o de nossas famílias religiosas será sem dúvida proveitosa.

No final publicamos um documento elaborado pela Sagrada Congregação para os Religiosos sobre o relacionamento entre Religiosos e Igreja Particular. O tema é sempre atual.

Conforme comunicamos no mês passado, aguardamos sua apreciação sobre nossa revista CONVERGÊNCIA. Não deixe de no-la enviar.

Frei Constâncio Nogara, OFM

# INFORME

# CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS, DO BRASIL

# 1675 — 1975 TRICENTENÁRIO: FRADES FRANCISCANOS

1. Quando Cabral aportou às costas brasileiras, revelando a nova terra ao mundo, trazia consigo o franciscano Fr. Henrique de Coimbra e mais oito companheiros que se destinavam às missões na India. E assim coube a um franciscano batizar a nova terra, celebrando pela vez primeira, nestas paragens, a santa missa. Com isso coube também aos franciscanos concretizar a primeira parte do lema das conquistas portuguesas: dilatar a fé. Como dizia o primeiro historiador, Caminha, tudo o que se planta nesta terra dá, assim sucedeu com o franciscanismo: uma vez plantado se aclimatou muito bem e nunca mais deixou de produzir seus frutos. Cresceu com o Brasil e incorporou-se à sua história definitivamente, marcando uma presença ativa em todos os momentos de relevo nacional.

Inicialmente, vieram os franciscanos ao Brasil, sem uma organização rigorosa, aportando cá e lá, "caranguejando por estas costas" como diria Fr. Vicente do Salvador, semeando a doutrina entre os indígenas, refreando a cobiça dos conquistadores e tentando manter a fé dos que aqui aportavam, o mais das vezes, sem interesse algum de di-

latar o império ou a fé. Acompanhavam as entradas e muitas vezes antecipavam-se mesmo, pois, muitos lugares do interior brasileiro foram visitados antes pelo missionário franciscano que pelo colonizador português. E onde chegavam plantavam uma cruz e junto à cruz nascia uma cidade, e onde nascia uma cidade, nascia uma civilização. Assim vieram quase até o fim do séc. XVI, missionários esporádicos, muito dos quais sucumbiram às asperezas da natureza ou à ferocidade dos índios.

2. O primeiro passo, em vista a uma organização deu-se em quando um grupo de franciscanos tomou posse do convento de Olinda, em Pernambuco, que pouco depois se tornou sede da primeira Custódia do Brasii. Finalmente, em 24 de agosto de 1657, esta Custódia foi elevada à categoria de Província, a Província de S. Antônio, a primeira no Brasil. Durante este tempo os franciscanos vieram fundar conventos no Sul, como o de Vitória e Rio de Janeiro. O desenvolvimento da região Sul propiciou a criação da Custódia da Imaculada Conceição, em 1659, abrangendo os

Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo, sendo o convento de S. Antônio do Rio de Janeiro feito sede da novel Custódia.

Finalmente, graças ao grande surto dos franciscanos e a ampliação de seu campo apostólico, o Papa Clemente X assinou, em 15 de julho de 1675, a bula PASTORALIS OFFICII, transformando a Custódia em Província. É deste evento que os franciscanos celebram neste ano o tricentenário. Este fato deu grande impulso ao desenvolvimento da obra franciscana no novo território, pois segulu-se a fundação de uma série de novos conventos, e sobretudo dos chamados hospícios, nome dado às residências menores que abrigavam dois ou três religiosos, dedicados, via de regra, à catequese nos aldeamentos indígenas, trabalho levado muito a sério pelos franciscanos, que traziam no sangue o espírito missionário. Além disso, dedicaram-se às missões populares, penetrando nos territórios de Minas Gerais, Mato Grosso e capitanias do Sul, renovando e conservando a vida religiosa nas populações, naquelas alturas, já numerosas por estas regiões.

3. Se de um lado se inseriram nas camadas populares, com preferência acentuada às classes menos favorecidas, doutro lado foram respondendo aos apelos do momento, marcando presença em todos os campos da atividade das cidades que lam nascendo, notadamente Rio de Janeiro e S. Paulo. Assim, em 1650, fora aberto no Convento de S. Antônio do Rio, um curso de teologia e filosofia que, com pequenas interrupções, funcionou até meados do século passado. Inicialmente destinava-se a preparar os religiosos da Ordem, mas evoluiu, aos pou-

cos, para Universidade, que teve seu alvará régio de aprovação, em 11 de junho de 1776, tornando-se a primeira Universidade do Brasil, com um currículo de 13 matérias, onde pontificavam 13 insignes mestres, formando o mais ilustre arsenal intelectual da nação no momento. Por isso, às preleções dos franciscanos acorreram quantos sentiam sede do saber. Daí, assentaram-se na aula homens que dirigiram depois os destinos políticos e intelectuais do país. Sentaram-se os alunos do seminário S. José, que dirigiram depois os destinos religiosos do Brasil, bem como alunos de outras Ordens religiosas. Aliás, a mocidade estudiosa do Rio acorria ao Convento para ouvir as preleções dos frades que, no dizer de Moreira de Azevedo, "eram os mais autorizados e doutos Mestres e as aulas régias ficavam desertas, o que provocou a representação queixosa dos professores das humanidades perante Sua Majestade, com data de 15 de janeiro de 1787". Além disso, lecionavam nos demais institutos de ensino, de sorte que Fr. Basílio Roewer concluiu com muita justeza: "à vista de tudo isso, deve passar em julgado para todo historiador imparcial que no tempo dos vice-reis o Convento de S. Antônio era um viveiro de ciências e que os franciscanos tinham monopólio dos estudos superiores, em que pese a certos escritores, que no Rio de Janeiro daquele tempo encontraram só padres e frades ignorantes, "nem o latim sabendo".

Compreende-se que homens que dirigiram tais estudos e se formaram em tal Universidade tenham tido tão preponderante papel nas campanhas políticas que culminaram com o "Fico" de Pedro I e a Independência do Brasil. Atrás de tudo isso está a figura de Fr. Francisco de S. Teresa de Jesus Sampaio, em cuja cela "se conspirava, escrevia, planejava os passos necessários a executar, as normas a seguir..."

- 4. Mas como todas as organizações humanas, também a Provincia não obstante sua pujança, foi sacudida pelas vicissitudes de ordem interna e de ordem externa. Internamente, a disciplina religiosa foi abalada com a busca de títulos e honrarias prodigamente distribuídos na época e muito ao gosto dos homens de então. Externamente vieram as pressões da parte do império, sobretudo o fechamento dos Noviciados, em 1855. Tudo isso levou a vida religiosa no Brasil à beira do naufrágio, A Província do Sul, no findar do século passado, estava reduzida praticamente a um membro. Mas em 1891,

Franciscanos da Provincia alema da Saxônia vieram povoar os abandonados conventos das duas Províncias Brasileiras, escrevendo uma belissima página de bravura, de pioneirismo, de fé e franciscanismo. Com eles começou o trabalho da restauração das duas Provincias, que em 14 de setembro de 1911, receberam do Vigário Geral da Ordem o documento que lhes restituía a antiga autonomia. E a partir deste momento, com a graça de Deus, novo sangue e nova vitalidade começou a circular na Província da Imaculada Conceição, levando-a a celebrar, com muita gratidão, mas também com multo compromisso para com Deus, este Tricentenário, num tempo de reformas e de questionamentos, que se constitui num verdadeiro teste de resistência, cuja resposta será o espírito de luta, de fé, de partilha manifestado até o momento.

# NOTICIAS BREVES

1. Das Diretorias Nacional e Regionals da CRB ao episcopado. Neste ano de 1975, vários Diretores da Conferência dos Religiosos do Brasil, seja da Diretoria Nacional, seja das Diretorias das 15 Regionais, foram elevados ao episcopado. A eles e às suas Congregações e Ordens, com nossos agradecimentos, as felicitações de todos os religiosos. DOM SILVESTRE SCANDIAN, Congregação do Verbo Divino. Provincial e Presidente da CRB, Regional de São Paulo. Bispo de Araçuaí, MG.

DOM JOSÉ LAMBERT, Estigmatino. Provincial e Diretor da CRB Nacional. Bispo de Itapeva, SP. DOM CLAUDIO HUMMES, Franciscano. Vice-Provincial e do Conselho Superior da CRB, Regional de Porto Alegre, RS. Bispo coadjutor com direito à sucessão de Santo André, SP. DOM JOEL IVO CATAPAN, Congregação do Verbo Divino. Provincial e Presidente da CRB, Regional de São Paulo. Bispo auxiliar de São Paulo, SP. DOM ADALBERTO PAULO DA SILVA, Capuchinho. Vice-Presidente da

CRB, Regional de Fortaleza, CE. Bispo de Viana, Maranhão. DOM ALANO MARIA PENA, Dominicano. Diretor da CRB, Regional de Belém, e do Instituto de Pastoral. Bispo auxiliar de Belém, Pará. DOM JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA, Redentorista. Diretor da CRB, Regional de Goiânia, Goiás. Vice-Provincial, Província de Brasília, DF. Bispo de Juazeiro da Bahia, BA. DOM DOMINGOS WISNIEWSKI, Lazarista. Provincial e Presidente da CRB, Regional de Curitiba, PR. Bispo auxiliar de Curitiba.

2

2. Irmás para Hospital. O Hospital São Vicente de Paulo, de 57.800 União dos Palmares, Alagoas, busca uma Congregação disposta a se estabelecer na cidade e administrar o hospital. Para maiores e mais detalhadas informações escrever para o Presidente Odon Porto de Almeida ou para o Provedor José Correia Viana.

3

3. Saber envelhecer. Para muitos de nós o trabalho tornou-se o centro de nossas vidas. Extraímos de nosso trabalho um sentimento de utilidade e de realização pessoal. Pelo trabalho nosso semelhante nos valoriza. Infelizmente para alguns, seu trabalho é a única razão pela qual se valorizam. Dar cinco aulas por dia anos a fib. Celebrar duas ou três eucaristias por domingo na paróquia. Confessar muitíssimos fiéis. Batizar grande número de crianças. Se este trabalho cessa, a vida perde sentido. Para esta gente, a velhice é um

período de angústia e de tédio. Experimentam um terrível sentimento de vazio e de inutilidade. Não sabem o que fazer consigo mesmos. Em outros tempos, tinha-se com frequência o privilégio do lazer. Havia o que fazer. Hoje, desocupados, a depressão é a constante companheira. Não podem mais trabalhar, pelo menos à altura de seus desejos. Consideram-se então inúteis. Pe. João LaFarge, um de nossos antepassados, dizia: "Precisamos chegar à velhice com espírito de fé e de confiança e com um programa e um objetivo bem definidos". Se aguardarmos até chegar a carta do Provincial comunicando que não mais seguiremos no trabalho, ou o ofício do Reitor ou Diretor sobre o término de nosso contrato, para só então começar a pensar, pode ser que anos amargos e sombrios estejam à nossa frente. Isto é sobretudo verdade para pessoas muito ativas e eficientes. Nossa preparação para esta fase da vida precisa começar aí pelos 50 anos, como nossa preparação para o sacerdócio se inicia com o noviciado. Felicidade e futuro depois dos 65 ou 70 anos não acontecem. Elas são preparadas. Exigem grande esforço de nossa parte. A velhice é como o descanso da vida. Ela será como você a construir. E então? A primeira coisa a fazer é convencer-se de que este período é parte essencial de nossa peregrinação. Está chegando e devo olhar para ele com otimismo, se eu for um homem de fé. Depois, encará-lo com as possibilidades e desaflos positivos e realistas que esta etapa da vida pode trazer. Lembrar-me de que não raro a corrida é ganha na última volta. Conservando minha capacidade física e psicológica, posso fazer muito para glória

1.74

de Deus e serviço do próximo, especialmente dos irmãos na vida religiosa.
Creio e espero que minha Ordem me
ajudará a descobrir estas possibilidades
e desafios. Mas somente eu posso fazêlas frutificar. Trecho de uma carta do
Pe. Vaughan, Provincial dos Padres Jesuitas, Califórnia, EUA, aos membros
de sua Provincia.

# 4

. . .

4. Presença Filosófica. É o nome de uma revista nova para quem pensa, estuda e pesquisa em profundidade. Presença Filosófica é uma revista científica no campo do pensamento profundo, ligada à realidade brasileira, lançada recentemente pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. Endereço para assinaturas: Centro Católico de Filosofia de São Paulo. Caixa Postal, 11.587 — 01000 São Paulo, SP

# 5

de Valença, RJ, escreve: "Precisamos, ao menos, de três religiosas para o Hospital das Clínicas Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Três Rios, RJ. A cidade: Três Rios dista 150 quilômetros do Rio de Janeiro. Fica na estrada Petrópolis-Juiz de Fora, MG. Tem 60.000 habitantes. O hospital: 200 leitos, centro cirúrgico ótimo, C. T. I., prontosocorro para atendimento de 4 e até 8 pessoas. Quartos particulares. Convênio com o INPS. Atendimento aos pobres na Enfermaria São José. Serviços de Especialização. Bem organizado e

bem administrado. É propriedade da Diocese de Valença. É administrado por leigos referendados pelo Bispo. Não apresenta problemas. As religiosas: Uma de nível universitário com curso de enfermagem. Duas para atendimento dos pobres e dos doentes. Não se trata de atendimento técnico por parte destas religiosas mas em nível de Igreja. Se pedimos uma enfermeira de nível universitário é para ter ascendência sobre o pessoal de igual nível. Se as religiosas quiserem, terão setores de trabalho reservado para elas. A residência das irmãs é fora do Hospital para maior liberdade. Remuneração: Cr\$ 1.400,00 para a enfermeira de nível universitário. Cr\$ 1.000,00 para as demais. Salário livre de despesas de cama e mesa. Importa sobretudo que os nossos doentes tenham o carinho, o cuidado, o desvelo, a atenção das religiosas." Para maiores informações detalhadas escrever para: Dom José Costa Campos, Caixa Postal, 32 — 27.600 Valença, RJ.

# 6

6. Pistas de renovação para as Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas). Uma brochura, resultado do trabalho realizado em vista ao Capítulo Geral e preocupado em respeitar a realidade local, em dar prioridade à vida, em permanecer fiel aos princípios evangélicos e em dar o devido ao provisório e ao definitivo do Instituto. O Centro Teológico do Estu-

dos e Espiritualidade para a Vida Religiosa precisa de trabalhos assim. Sejam bem-vindos de todas as Congregações.

# CENTRO TEOLÓGICO — CETESP/CRB

A Conferência dos Religiosos do Brasil inaugurou na manhã do dia 6 de agosto, à rua Lopes Quintas, 274, Rio de Janeiro, em cerimônia que durou três horas, o seu Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa, CETESP - I - 1975, com a presença do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, da Diretoria Nacional da CRB, de todos os Alunos e Professores e de vários Superiores Maiores do Brasil. O CENTRO TEOLÓGICO nasceu como efetivação de um pedido expresso da X Assembiéia Geral da CRB, reunida em julho de 1974, no Rio de Janeiro e vem responder à necessidade de estudar, de rezar, de informar-se com tempo, tranquilidade e profundidade sobre a vida religiosa.

Programa da Inauguração. A cerimônia obedeceu ao seguinte programa:

1. Concelebração Eucarística, presidida pelo Cardeal Dom Eugênio Sales. 2. Significado e Objetivo Fundamental do CENTRO, Pe. Marcello de Carvaiho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB.

3. O Programa, os Alunos, os Professores, Frei Constâncio Nogara, OFM, Diretor do CETESP. Presente à solenidade a imprensa do Rio de Janeiro, representada pelo Jornal do Brasil, O Globo, O Estado de São Paulo, TV Globo e TV Tupi.

Programa do Curso. O CENTRO ministrará Cursos de segunda a sexta-

feira, das 8 às 12 horas e das 13 às 15,30 horas. Cada Curso durará três meses com duas periodicidades: de agosto a novembro e de abril a junho. O número de alunos é restrito a 50. Os temas para as 13 semanas num total de 67 dias úteis dão uma visão panorâmica e sintetizada do que será o primeiro curso. São estes: 1. Conhecimento da realidade. a) Sócio-econômico-política do Brasil. b) A atuação da Igreja no Brasil. c) As múltiplas formas de vida religiosa àtravés da história. d) A psicologia aplicada à convivência. 2. Aspectos fundamentais da teología hoje. a) Temas bíblicos. b) A pessoa de Jesus Cristo. c) Temas morais. d) Fundamentos de eclesiologia. 3. Projeto atual da vida religiosa. 4. Leitura critica dos textos conciliares sobre vida religiosa.

Não se trata, como se vê, de um mero curso letivo e acadêmico, onde se pode chegar ao fim sabendo um pouco mais; trata-se, porém, de um curso onde, por ativa participação, cada um busca dar e receber, num intenso intercâmbio. Disto tanto os alunos como os professores estão bem conscientes. Os professores pertencem a sete Congregações e Ordens diferentes, a saber: marista; Francisco Crestani, Mueller, jesuita; Francisco Viniegra, jesulta; Oscar de Figueredo Lustosa, dominicano; Afonso Levis, marista; Victor Hugo, redentoris a; João Batista Libânio, jesulta; João Bosco Dubot, assuncionista; Alfonso Garcia Rubio e Karl Josef Romer, da Arquidiocese do Rio de Janeiro; Antônio Moser, franciscano; Álvaro Barreiro, jesuíta; Constâncio Nogara, franciscano; Luciano Mendes, jesulta; Francisco Rolim, dominicano.

# EVANGELIZAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DOM ESTEVÃO BETTENCOURT, OSB

Embora o recurso dos Meios de Comunicação Social seja árduo e de difícil alcance, a simples consciência do valor que lhes compete, é por si apta a despertar a criatividade e a iniciativa de todos aqueles que amam o Evangelho

Quem estuda o tema "evangelização", não pode negligenciar a função dos meios de comunicação social no desempenho dessa tarefa da Igreja. É notório o influxo que jornais, revistas, emissoras, cinema e teatro exercem na formação, na propaganda e na destruição de conceitos ou — ainda — na constituição da opinião pública (1). Dizia muito oportunamente o filósofo Blaise Pascal (1662): "La force est la reine du monde, et non pas l'opinion, mais l'opinion, est celle qui use de la force. A força é a rainha do mundo, e não a opinião, mas é a opinião que usa da força", Pensées, 554-303. Com outros termos: é a opinião ou são as idéias que movem as forças construidoras e destruidoras da humanidade; ora a opinião é, em grande parte, "feita, manipulada e desfeita" pelos meios de comunicação social.

E por isto que nas próximas páginas nos propomos estudar o estranho poder dos meios de comunicação, tomando consciência do que representam para a vida da sociedade. A seguir, abordaremos a utilização de tais recursos no anúncio da Boa-Nova de Cristo.

De passagem, note-se: a expressão "meios de comunicação social" é de origem relativamente recente. Aparece pela primeira vez no decreto "Inter Mirifica" do Concílio do Vaticano II, datado de 4 de dezembro de 1963. Logo no início deste documento lê-se: "Entre as maravilhosas invenções da técnica... a Igreja com especial solicitude aceita e promove aquelas que oferecem amplas

possibilidades de comunicar facilmente notícias de todo tipo, idéias. Tal é o caso da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão e de outras técnicas deste gênero. Por isto podem ser chamadas a justo título meios de comunicação social" (n.º 1).

Como se vê, esta expressão designa os meios aptos a fazer que os grupos humanos se comuniquem entre si. Corresponde aproximadamente à fórmula americana "mass media", que pertence ao vocabulário internacional.

# 1. O PODER DA PALAVRA, DA IMAGEM E DO DINHEIRO

Antes do mais, importa-nos adu-fo elétrico, inaugurado em 1837, dezir alguns fatos concretos que ilustrem o enorme alcance dos meios de comunicação social; após o que, consideraremos as relações existentes entre tais meios e o poder econômico, tais meios e as técnicas de propaganda.

#### Fatos notórios

1. O desenvolvimento extraordinariamente rápido dos meios de comunicação social nos últimos tempos explica a crescente ascendência que vão tendo sobre a opinião pública. Os primeiros jornais, por exemplo, apareceram na França (Anvers, Estrasburgo) e na Inglaterra entre 1606 e 1622. No fim do século XVIII a imprensa escrita era fato definitivamente na Europa Central e Ocidental como também nos Estados Unidos. No século XIX abriu-se a era das grandes invenções. A criação da imprensa mecânica (1814) constituiu uma etapa decisiva para o desenvolvimento dos periódicos e jornais; dela procederam a máquina rotativa (1867) e o linotipo (1886). A fotografia (1824) abriu o caminho à imprensa ilustrada, ao filme fotográfico (1884), aos primeiros ensaios de cinema (1895); o telégra-

senvolveu-se em sistema de telecomunicações por cabos submarinos (1880) e foi sendo aperfeiçoado pelos trabalhos de Hertz, Branly, Marconi e Popov (1887-1895); sobrevieram o telefone (1900), o rádio (1920), a televisão (1925), o filme falado (1927), o satélite artificial (1957) e o Telestar (1962).

- 2. Ora quem acompanha hoje a vida pública, verifica a ingente influência dos meios de comunicação social no curso dos debates que agitam uma sociedade. Entre os mais diversos dados, sejam citados, por exemplo, as seguintes notícias de data recente:
- "O Vaticano responsabilizou ontem a imprensa italiana pelo progresso comunista nas eleições regionais do fim de semana passado" ("O Globo", 20/06/75). "O Conmandante do II Exército, General Ednardo D'Ávila Melo, disse ontem que a agressão psicológica é mais difícil de combater, pois não é percebida, mas está presente em todos os momentos e todos os lugares. É também mais violenta e tem sido facilitada pela rapidez instantânea dos meios de comunicação do mundo moderno. Lamentou que a imprensa

publique muitas mentiras. A dennúncia foi fartamente noticiada. Tal não aconteceu com o desmentido" ("Jornal do Brasil" 21/06/75).

Divagando um pouco pela história, mencionamos as palavras de Adolf Hitler em seu famoso livro "Mein Kampf": "A força que desencadeou as grandes avalanches históricas, no terreno religioso ou político, foi tão somente, desde tempos imemoriais, a potência mágica da palavra falada" (citado por M. Augras, "Opinião Pública. Teoria e Pesquisa", p. 73).

Hitler difundia fartamente a sua palavra, fanatizando as multidões. Servia-se, para tanto, da imprensa e do rádio, a tal ponto que se atribui papel de grande relevo ao rádio na ideologia nazista. Durante a guerra de 1939-1945, os nacional-socialistas obtiveram o domínio das emissoras dos países ocupados, o que lhes possibilitou realizar a propaganda hitlerista em todos os níveis. Podese citar também a campanha para a venda de "bônus" da segunda guerra mundial, campanha empreendida nos EE. UU. da América através do rádio pela atriz Kate Smith. Conseguiu mobilizar a opinião pública norte-americana numa autêntica maratona.

Voltando ao Brasil, lembramo-nos de que nos cassebres e mansões das favelas há frequientemente um televisor, através do qual a família se instrui e a preço módico. A televisão e o rádio são os meios de comunicação mais acessíveis aos analfabetos e iletrados, para os quais a imprensa escrita nada ou quase nada significa. Em geral, nos países em via de desenvolvimento o rádio e a

televisão vêm-se difundindo amplamente; o rádio de pilha está muitas vezes numa oficina, num táxi, nas mãos do operário que viaja em trem ou ônibus. Kimball Young cita um inquérito realizado em 1939 nos EE. UU. pela revista "Fortune". Perguntava: "Se você recebesse informações contraditórias sobre o mesmo assunto, provenientes de diversos fontes, em qual destas você acreditaria?" As respostas assim se distribuiram: 40% acreditariam mais no rádio; 26% na inprensa escrita; 13% na opinião de uma autoridade na matéria; 20% não souberam responder (2).

A televisão vem tomando cada vez mais o lugar do rádio nas casas de família: o seu uso cresce de maneira vertiginosa, embora custe ainda elevados preços. No Brasil, por exemplo a UNESCO em 1966 indicava a existência de 45 estações de televisão principais, dez auxiliares e uma experimental, com um total de 1.800.000 aparelhos receptores. Em 1967, já eram 3.800.000 os televisores no Brasil! Não é necessário multiplicarmos os dados concernentes à ingente influência dos meios de comunicação social sobre a vida pública. Passemos à consideração de dois fatores que contribuem poderosamente para caracterizar à apresentação dos noticiários e dos programas (em geral) dos meios de comunicação social: o dinheiro e a irracionalidade.

# MCS e poder econômico

1. Logo que surgiram as tendências democráticas no cenário político ocidental (séc. XVIII/XIX), uma

das grandes reivindicações dos cidadãos visava à liberdade de exprimirem e de se comunicarem. Hoje em dia ainda se apregoa a liberdade da palavra, mas os homens que querem influir na sociedade se interessam principalmente por um objetivo ainda mais radical e importante, que é o de obter o domínio do conjunto de técnicas que formam a opinião pública. Essa procura de domínio é exercida pelo Estado onde o regime é ditatorial ou totalitário, ou pode ser exercida por grupos nacionais ou internacionais. Como quer que seja, são sempre e tão somente os grupos economicamente poderosos que podem pleitear o domínio dos meios de comunicação social: serão grupos estatais ou grupos políticos, industriais, comerciais, etc.

Esta nova situação nos dá a ver que os meios de comunicação social correm o risco de nem sempre estar plenamente a serviço da verdade. Não queremos negar que os grupos poderosos tenham interesse pela difusão da verdade. A experiência, porém, ensina que eles não raro subordinam este valor primacial a interesses particulares, partidários ou lucrativos, principalmente para os temas que mais prestígio ou IBOPE possam proporcionar ou, mesmo quando focalizam assuntos de primeira grandeza, tendem por vezes a apresentá-los através de prismas ou com matizes que não são os mais condizentes com a verdade e a autenticidade. Interpelados a respeito, os responsáveis pelos meios de comunicação social respondem não raro que tal procedimento lhes é necessário para que possam sobreviver. Não nos interessa analisar as causas mais profundas de cada caso;

basta-nos tão somente assinalar o fenômeno, pois ele constitui um desafio à consciência cristã.

Será útil transcrever a notícia fornecida por M. Augras no seu livro "Opinião Pública", p. 52: "Uma socióloga americana, Betty Friedan (1964), fez a análise do conteúdo de revistas femininas e fotonovelas, para ver quais os comportamentos apontados como desejáveis para a leitora. Sintetizando essa 'mística da mulher', mostrou que a imagem apresenta como modelo era a de. jovem mãe de família, excelente dona de casa e cozinheira emérita. Volta aos padrões tradicionais, em reação contra a tão propalada emancipação feminina? Nem tanto. Acontece que os grupos patrocinadores dessas revistas são os mesmos que produzem aparelhos eletrodomésticos. Através das comovedoras histórias de marido que volta ao lar (porque ninguém sabe fazer a torta de maçã tão bem como a esposa), o objetivo é ganhar mais uma consumidora."

2. A propósito ainda apraz-nos lembrar a observação feita por Etienne Gilson em seu livro "La société de masse et sa culture" (Paris 1967). Antes da invenção da imprensa e das técnicas de comunicação moderna, comenta Gilson, todo artista produzia tão somente por amor à arte; não podia viver da sua produção literária, por exemplo, pois só lhe era dado conhecer três ou quatro exemplares manuscritos das suas poesias ou obras (tal foi certamente o caso de Dante Alighieri, (1321), cuja "Divina Comédia" hoje em dia está universalmente esparsa mediante a imprensa). Os escritores e

artistas antigos eram geralmente pobres; dependiam de seus mecenas para poder produzir obras de arte, ou tinham que procurar um ganhapão para conseguir sobreviver.

Ora, depois que foi inventada a imprénsa, a situação mudou. Foi possível multiplicar obras de literatura (como mais tarde, mediante outros recursos da técnica, foi possível multiplicar as canções em cassetes, discos, multiplicar quadros, pinturas...); consequentemente, tornou-se também possível viver de produção artística. Isto fez que o ponto de vista de numerosos escritores e artistas já não fosse o cultivo da arte como tal, mas, sim, o sucesso e a procura de lucro financeiro. A arte em muitos casos deixou de interessar como tal, e mesmo deixou de ser arte para ser produto comerciável; a verdade como tal também deixou de interessar em muitos casos. Passou a haver a comercialização do livro, das canções, das óperas, dos quadros a cores, de tal modo que artistas e produtores são propensos a preocupar-se principalmente com o que é mais vendável, e não com o que é mais verdadeiro ou educativo ou estético.

Com isto não queremos dizer que todo escritor ou artista seja mero comerciante; devemos mesmo reconhecer que até hoje todo autêntico artista é, antes do mais, empolgado pela arte com a sua gratuidade congênita. Acontece, porém, que há escritores e artistas que trabalham para criar e difundir a cultura de massa pelos meios de comunicação social e que naturalmente são dependentes das categorias da indústria e do comércio. Entre outras, a litera-

tura tornou-se assim, para certas pessoas, uma profissão. E, visto que os livros mais populares são o romance policial e o erótico, segue-se que esse tipo de literatura vem a ser cada vez mais explorado. Aliás, já se tem falado do "mito do erotismo". Veja-se obra "Un mythe moderne: l'érotisme. Éros climatisé. Une civilisation du plaisir" de V. Morin e J. Majault (Casterman, 1964). Sabese que temas e imagens ligados ao sexo e aos sentimentos eróticos geralmente excitam a curiosidade do público. Esta afirmação será desenvolvida num título a seguir. É, pois, este estado de coisa que o cristão enfrenta quando se dispõe a estudar a utilização dos meios de comunicação em prol da evangelização do mundo. Ponderemos agora o fator "irracionalidade" no uso dos mesmos meios.

# MCS e irracionalidade

Verifica-se que, para atingir eficazmente o grande público, a imprensa escrita, falada e televisionada recorre a certos "slogans" ou também imagens, que tocam o que em todo homem existe de irracional ou "mítico". Isto quer dizer que nem sempre os noticiários são apresentados e concatenados segundo critérios estritamente lógicos; usam de táticas que despertam a curiosidade, o "suspense", a emoção, o sensacionalismo. Consequentemente, as letras garrafais, as manchetes ambíguas ou picantes, os estereotipos verbais, os clichês são recursos frequentes nos meios de comunicação social. Servem para provocar mecanismos psicológicos ou reações inconscientes nos leitores. A simpatia ou a aversão são

assim suscitados subliminarmente. Ora estas táticas nem sempre condizem com a difusão da verdade no sentido preciso e honesto que esta expressão deve ter.

De passagem note-se: as pesquisas e estatísticas têm demonstrado que os editoriais constituem a secção de jornal que menos costuma ser lida. Ora são os editoriais que veiculam as idéias e a filosofia do respectivo órgão de imprensa; ficam sendo a leitura de elites ou de líderes da opinião pública. Se as grandes massas são geralmente interpeladas por táticas que tocam o inconsciente e o irracional de todo homem, compreende-se o seguinte: para que uma notícia seja divulgada e comumente aceita, não importa muito que ela seja falsa ou verídica. A verdade como tal não basta para convencer o grande público; nem basta que alguém tenha bons argumentos ou tenha razão, para que persuada as massas. Herz fala da "insuficiência da verdade", o que quer dizer: a verdade pura, apresentada sem artifícios sensacionalistas, talvez tenha menos força de persuasão do que o erro canalizado por imagens e fatores emotivos, de ação subliminar.

Para ilustrar estas afirmações, pode-se aduzir o seguinte exemplo. Suponha-se uma campanha caluniosa que afirme: "N. N. é ladrão". A fim de recolocar a verdade na opinião pública, não bastará dizer: "N. N. não é ladrão". Para o inconsciente, toda proposição é afirmativa em si. Basta aproximarmos determinado predicado de determinado sujeito para que o inconsciente tenda a copulá-los afirmativamente. Por isto a contra-propaganda deve ser elaborada cuidadosamente; não adianta rejeitar a acusação. A tática mais válida consistirá então em deslocar o problema e assim, indiretamente, refutar a campanha errônea. Note-se também que nenhuma companhia de aviação fará sua publicidade nestes termos: "Nossos aviões caem menos do que os outros", pois esta frase evocaria um perigo e associaria idéias sinistras. O que fazem as companhias publicitárias, é focalizar o conforto, o cinema, a música de bordo, deixando em plano discreto a alusão ao próprio aparelho; assim, por exemplo, se lê não raro: "Quem recebe mais atenção do que você?" (resposta: o avião que transporta você).

O aspecto "irracionalidade", tão ligado à técnica da comunicação social, vem a ser assim outro desafio que a evangelização tem que enfrentar, quando se dispõe a recorrer aos órgãos de comunicação. Encaremos agora diretamente o uso dos modernos meios de difusão na obra da evangelização.

# 2. IGREJA E MCS: DADOS HISTÓRICOS

A presença oficial da Igreja nos meios de comunicação social pode ser datada do século XVII (na época só existia a imprensa escrita). Em 1690 foi fundada, em estilo de anais, a publicação "Mémoires de l'Eglise contenant ce qui s'y passe tous les jours de plus considerable dans toutes les parties du monde". Esta iniciativa francesa não teve futuro. Foi somente em 1760 que começou a existir regularmente um peródico católico chamado "Journale ecclésiastique", que conseguiu manter as suas tiragens até 1792. No século XIX a imprensa católica desenvolveu-se notavelmente. Em 1833 registrou-se o início dos "Tracts for the Time" órgão do movimento de Oxford, que visava à volta às fontes do Cristianismo. Em 1840 e em 1857 surgiram respectivamente "The Table" (Inglaterra) e "The Dublin Review" (Irlanda).

Em Roma verificou-se a ..... I/VII/1861 o lançamento do jornal "L'Osservatore Romano. Giornale politico-morale". Se u s diretores eram pessoas gratas à Secretaria de Estado de S. Santidade; todavia o jornal não pertencia à Santa Sé. Foi somente em 1929 que a administração do "L'Osservatore Romano" se estabeleceu no território da Cidade do Vaticano. O significado desse órgão da imprensa foi esboçado em 1961 por Mons. Montini, então arcebispo de Milão, que, por ocasião do centenário dessa publicação, escrevia no próprio "L'Osservatore Romano": "É impresso no Vaticano. Por isto é, em parte, oficial. É responsável como porta-voz da hierarquia, mas discutível na medida em que exprime o pensamento de quem escreve por sua própria autoridade" (citado por G. Zananivi, "Paul VI et les temps présents", Paris 1966, p. 104).

Na segunda metade do século representantes XIX, a imprensa católica em nível reunidos em la nacional, diocesano e missionário Rio de Janeiro.

tomou grande impulso não só nos países latinos, mas também na Alemanha, na Holanda e nos Estados Unidos da América. Seja mencionado na França o jornal "L'Univers", que, fundado em 1833 por Migne, devia exercer vasta influência mediante a pena de Louis Veuillot, seu colaborador atuante, de 1842 a 1883. No cotidiano "L'Avenir" (16/X/1830 a 15/XI/1831), destacaram-se Lamennais, Lacordaire e Montalembert. No século XX prosseguiu-se a expansão da imprensa católica. Em consequência, os diretores e editores de periódicos, assim como os jornalistas católicos, foramse associando e organizando em diversas etapas (1926, 1928 e 1936), de modo a fundar finalmente a União Internacional da Imprensa Católica", que se originou em um Congresso realizado em Roma.

A partir de 1920, a atenção da Igreja voltou-se para meios de comunicação que se iam avultando então: o cinema e o rádio. A extraordinária influência que estes exercem sobre as massas, exigia que as autoridades eclesiásticas se interessassem pela orientação cristã dos mesmos. Por isto os responsáveis católicos pelo cinema realizaram um Congresso na cidade de Haia em 1928, fundando então o "Ofício Católico Internacional do Cinema" (OCIC), que objetivava favorecer e difundir filmes de valor humano e cristão. Esta organização, aliás, efetuou em abril 1975 mais um Congresso Mundial, frequentado este por cinquenta representantes de 26 países-membros reunidos em Petrópolis, Estado do

A televisão, por sua vez, entrou em foco. Isto fez que os representantes católicos do rádio e da televisão em 1928 instituissem em Colônia (Alemanha) o "Burô Católico Internacional de Rádio e Televisão" (conhecido pela sigla UNDA); tem por objetivo propiciar o intercâmbio de estudos e experiências levados a termos por emissoras e jornalistas católicos. Em ordem cronológica, mencionamos aqui o fato de que em 1931 o Papa Pio XI inaugurou a emissora da Rádio Vaticano instalada por Guglielmi Marconi nos jardins do Vaticano. Ao mesmo tempo que a hierarquia da Igreja se empenhava por organizar as atividades católicas no setor das comunicações, a Santa Sé foi-se pronunciando sobre questões de moral e opinião pública relacionadas com tais meios.

Assim em 1930 Pio XI na encíclica "Divini illius Magistri" lamentava que a influência exercida pelo cinema estivesse muitas vezes "orientada a excitar más paixões e atender à insaciável avidez de lucro". Em 1934, diante de uma delegação da Federação Internacional da Imprensa Cinematográfica, Pio XI exortou os responsáveis ao respeito "à moral cristã ou simplesmente humana, natural", pedindo outrossim que se aplicasse ao cinema "a regra suprema que deve reger e regulamentar o grande dom da arte".

Em 1948, pouco após a segunda guerra mundial, Pio XII constituiu "ad experimentum" uma comissão dedicada ao cinema, que seis anos depois se tornou a Comissão Pontificia para o Cinema o Rádio e a Televisão. O mesmo Pontífice muito

se interessou pela imprensa. Assim, por exemplo, em mensagem dirigida ao II Congresso Internacional da Imprensa Católica (1950), incitou os jornalistas católicos a procurar ter cultura geral, conhecimentos de filosofia e teologia, senso psicológico, e "amor profundo assim como inabalável respeito à ordem divina, que compreende e anima todos os setores da atividade humana" ("La Documentation Catholique", n.º 1064, 12/03/1950, cols. 321-328). Mais tarde, em 1957, Pio XII publicou a encíclica "Miranda Prorsus", em que insistiu sobre o direito e o dever que tocam à Igreja, de aproveitar os recursos da comunicação em vista da santificação dos homens, como, aliás, compete às autoridades civis difundir as notícias e informações necessárias ao bem da sociedade (cf. "La Documentation Catholique", n.º 1261, 29/09/1957, cols. 1221-1246).

No período de preparação do Concílio Vaticano II, uma comissão de peritos elaborou um documentoesquema referente aos meios de comunicação social. O mesmo, examinado durante a primeira sessão do Concílio (1962), foi refundido; discutido entre 14 e 25 de novembro de 1963, recebeu finalmente aos 4 de dezembro de 1963 a aprovação dos Padres conciliares. O artigo 23 do decreto "Inter Mirifica", assim publicado, pedia que se constituisse um grupo de trabalho destinado especialmente à elaboração de normas pastorais concernentes aos meios de comunicação. O decreto "Inter Mirifica", sendo uma das primeiras obras do Concílio Vaticano II, foi acolhido com reservas pela opinião pública católica, pois apresentava uma visão ainda assaz abstrata de um problema muito concreto (aliás, é de notar-se que, à diferença de outros documentos conciliares, o decreto "Inter Mirifica" teve a elevada cota de 164 "Non placet" dos Padres conciliares).

O mencionado grupo de trabalho entregou-se à sua tarefa de 1964 a 1971. Como resultado de numerosas consultas, pesquisas e reflexões, redigiu finalmente a Instrução Pastoral "Communio et Progressio", que, aprovada pelo S. Padre Paulo VI,

foi publicada com a data de 23 de maio de 1971. Este importante documento representa a última e mais adequada exposição do pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação social. Se o decreto "Inter Mirifica" foi tido como síntese demasiado breve, a Instrução "Communio et Progressio" se estende por 187 artigos, que de certo modo esgotam o assunto, abrindo grandes perspectivas, ao mesmo tempo que descem a minúcias concretas e realistas. É dessa variedade de considerações que vamos abaixo extrair alguns dados mais significativos.

# 3. "COMUNHÃO E PROGRESSO"

1. Uma das notas deste documento que interessa aqui realçar, é o convite a que os Religiosos participem, segundo as suas Constituições, do trabalho de evangelização realizado através dos meios de comunicação social. Tenham-se em vista as seguintes passagens:

"106. Bispos, sacerdotes, Religiosos, leigos e todos os que têm responsabilidade no seio do povo de Deus, são convidados insistentemente a escrever na imprensa e a participar em emissões radiofônicas e televisivas. Esta representação pode trazer grandes benefícios para a opinião pública, mas exige perfeito conhecimento da índole e dos fins dos meios de comunicação. Por isto, as comissões nacionais, bem como as organizações especializadas, atendam à informação e preparação dos meios que utilizam ou hão de utilizar estes meios".

"177. Os Institutos religiosos considerem a grande responsabilidade que tem a Igreja no campo da comunicação social e ponderem sobre a colaboração a dar, segundo o espírito das respectivas Constituições. Os seus organismos especialmente dedicados a este trabalho colaborem entre si e com aqueles Secretariados nacionais, regionais ou continentais, a quem compete a planificação global do apostolado dos meios de comunicação".

Esta exortação tende a fomentar uma realidade que já é notória no mundo inteiro, não excluído Brasil. Entre nós, temos Ordens e Congregações Religiosas que se dedicam ao apostolado da imprensa escrita, falada e televisionada, completando a ação difusora que numerosas dioceses realizam mediante suas estações radiofônicas, seus jornais e boletins. Os Padres Capuchinhos de Porto

Alegre dispõem mesmo de uma emisrosa de televisão. Um dos últimos
Informativos (1975) do Setor dos
Meios de Comunicação Social da
Conferência Nacional dos Bispos
noticiou que no Brasil a Igreja possui 116 emissoras de rádio, um canal
de televisão, 9 escolas superiores de
Comunicação, 23 revistas e 150 periódicos, entre jornais e revistas.

Com o aumento constante da população brasileira, verifica-se que o recurso a tais meios é cada vez mais imperioso; torna-se mesmo em numerosos casos o único canal de evangelização que atinja o cidadão e o sertanejo em seus lares, dado que na cidade muitos já não querem frequentar a igreja, enquanto no interior faltam igrejas e ministros do culto. O sistema de rádios cativos através dos quais a Igreja ministra educação de base e evangelização, implantado primeiramente na Colômbia e depois introduzido no Brasil, tem dado frutuosos resultados.

2. A esta altura, há quem pergunte: mais interessa à Igreja ter seus meios de comunicação (jornais, emissoras...) próprios ou despojarse destes, contentando-se com o uso dos órgãos de comunicação a ela cedidos a título comercial ou por cortesia? Em resposta, pode-se reconhecer, sem dúvida, que o despojamento concorre para acentuar o testemunho de pobreza da Igreja, valor especialmente estimado hoje em dia. Todavia deve-se ponderar que a pobreza é um meio, e não um fim; há de ser realista. Na verdade, a renúncia à posse dos meios de comunicação pode constituir grave prejuízo para a obra de evangelização. Depender

de concessões (ainda que pagas,... e a que preços!) torna sempre insegura a utilização de tais meios; nenhum órgão de comunicação está obrigado a vender (muito menos... a outorgar benignamente) algum espaço ou horário a agentes de informação ou evangelização da Igreja. Por isto parece-nos desejável que esta, mediante organizações diocesanas ou obras de Religiosos, tenha independência no setor das comunicações. Disponha o bispo de órgãos de comunicação pronta a fiel com todos os seus diocesanos, a fim de os fazer participar dos acontecimentos e anseios da diocese ou também a fim de lhes oferecer a genuína perspectiva da Igreja no tocante a problemas e campanhas que empolguem o público. Esta certa independência não impede a entrada de evangelizadores em jornais e emissoras aconfessionais. Na verdade, será sempre extremamente difícil à Igreja possuir sua emissora de televisão ou seu jornal capaz de fazer parelha com os órgãos da imprensa aconfessional. Não há dúvida de que, para a fundação e a feliz manutenção de qualquer órgão de comunicação social, três fatores hão de ser levados em estrita consideração:

- Haja instalações modernas, correspondentes às exigências da técnica contemporânea, o que supõe capital e despesas de vulto. Todavia, como dito atrás, fator monetário jamais poderá preponderar sobre os objetivos da autêntica evangelização.
- 2) Existam agentes de difusão devidamente formados para tanto, a fim de que possam, mediante as suas programações, estar à altura da criatividade de que dão provas os meios

de comunicação aconfessionais. Os editoriais e as emissões efetuadas em nome do Evangelho não podem ficar, do ponto de vista técnico e artístico, aquém de quanto é apresentado sob outro patrocínio. Por conseguinte, os técnicos de comunicação católicos saberão aplicar ao seu trabalho as regras da difusão eficiente, sem, porém, sacrificar a limpidez da mensagem à procura de "simpatias" ou IBOPE. Muito a propósito vêm as reflexões apresentadas por "Communio et Progressio" a respeito dos fiéis católicos que tenham ocasião de atuar nos meios de comunicação social; queiram-no ou não, se são apresentados como pensadores católicos, as suas afirmações serão tidas como afirmações da Igreja, o que, sem dúvida, representa enorme responsabilidade.

"Quando um católico conhecido, seja clérigo ou leigo, fala na televisão ou no rádio, é imediatamente considerado pela opinião pública como intérprete dos pontos de vista da Igreja. Portanto, deve estar ciente desta situação e procurar, por todos os meios ao seu lacence, evitar qualquer equívoco possível. A responsabilidade da sua missão diz respeito não só ao conteúdo das suas declarações, mas também à sua maneira de falar e de se comportar. Finalmente, procure consultar as autoridades eclesiásticas, quando for possível fazê-lo" (n.º 154).

3) Leve-se em consideração o auditório extremamente heterogêneo ao qual se derigem os meios de comunicação. Isto implica sábia adaptação e adequada formulação da mensagem humana e cristã a ser transmitida. Um periódico ou uma

emissora católica não podem apenas abordar Cristianismo explicitamente entendido, mas hão de proporcionar a variedade de programações que satisfaçam às diversas faixas do seu auditório; na maior parte do horário de transmissão, a ação evangelizadora estará principalmente — ou talvez tão somente - no enfoque cristão dado ao acontecimento noticiado ou na maneira de selecionar músicas, cantores, personagens entrevistados, filmes, peças de teatro. O meio de comunicação que consiga captar a estima e a confiança do grande público, poderá, em momentos oportunos de cada dia, oferecer programas de evangelização explícita, que o público aceitará com a simpatia que de modo geral ele dedique à sua emissora católica.

- 4) Uma série de percalços exige do agente cristão de comunicação sagacidade e firmeza de ânimo em grau elevado. Dentre outros, sejam mencionados, por exemplo, os seguintes fatos:
- a) Se a pornografia e o erotismo são condenáveis por deformarem a mentalidade e os afetos, pode-se dizer que o filme e o romance pornográficos se denunciam por si mesmos e às vezes caem em descrédito, porque o público já está cansado e saturado de tal "divertimento". Mais requintadamente nocivos são o filme e o romance de violência (crimes, espionagens, guerras...), que, aparentemente neutros, sugerem teses e paradigmas de vida (desmantelamento da família, conflito de gerações, desonestidade profissional...), deseducando profundamente os seus clientes, sem que estes o percebam de imediato.

Na verdade, o cinema, o teatro, o rádio e a televisão não são meros fatores de recreação, mas tornam-se cada yez mais a escola em que o homem iletrado e o letrado que não tem tempo para ler, vão haurir os seus conhecimentos, vão informar-se e também, inevitavelmente, vão formar-se. Daí o grande interesse que a Igreja dedica à qualidade dos programas de cinema, teatro e televisão. Como procura a escola e a educação sadias, a Igreja não se pode omitir no tocante aos "divertimentos" do grande público, pois estes também são escola e educação (ou deseducação).

b) O público pode rejeitar tal filme, novela ou espetáculo, desde que o julgue nocivo. Todavia não lhe é tão fácil rejeitar tal anúncio comercial inconveniente, visto que a publicidade (aqui no Brasil) se insere em meio aos programas de maior valor. Em vista deste fato, o agente cristão de comunicação há de se empenhar firmemente pelo controle dos "comerciais" que lhe são oferecidos e que certamente rendem sedutoras quantias. É certo que um cristão isolado pouco ou nada conseguirá na tarefa da comunicação sadia e cristã; a sua luta será neutralizada pela falta de colaboração dos colegas (cristãos ou não cristãos). Todavia a união de forças de jornalistas e outros produtores católicos repercutirá na respectiva classe e não poderá deixar de dar seus frutos no grande público. Trata-se de um empreendimento de fé e de coragem, que o cristão levará a efeito com galhardia, consciente de que "quase tudo (o que é grande) se faz de quase nada!"

3. Não ignoramos a existência de teólogos que recusam o uso dos meios de comunicação social na tarefa de evangelização. É nesse sentido, por exemplo, que se exprime o DECOS (Departamento de Comunicación Social) do CELAM em seu "Boletin Informativo: Vox Christiana" (Montevidéu 1974). Veja-se também S. Diaz, "Mass media ed annuncio evangelico" em "Rassegna di teologia", Nápolis 1973, n.º 4, pp. 252ss.

Esta recusa supõe, entre outras coisas, que os meios de comunicação social sejam utilizados como substitutivos da palavra viva proferida em diálogo ou em anúncio interpessoal. Ora certamente não é este o papel que preconizamos para os MCS. A palavra oral interpessoal conserva sempre o primado na evangelização; os recursos técnicos são subsidiários e supletivos em relação a esta. Todavia acontece que tais subsídios são cada vez mais necessários, dada a exiguidade de operários na vinha do Senhor. A recusa também se apóia no fato que os MCS estão na forte dependência de estruturas econômico-políticas, que condicionam o uso de tais meios. Em resposta, observase que nem todos os MCS estão assim condicionados, de modo a ser iníquos ou deturpados. Ademais os cristãos, em vez de desistir do recurso a tais instrumentos, devem, na situação presente, empenhar-se para que os mesmos possam ser mais independentes de fatores não cristãos e assim prestem sua valiosa e indispensável contribuição à causa da evangelização. A propósito vejase E. Baragli, "Strumenti della comunicazione sociale ed evangelizzazione em "La Civiltà Cattolica" 2983, 5/X/1974, pp. 36-48.

4. Concluímos estas reflexões (que se poderiam protrair longamente) com um olhar de otimismo. "A messe é muita, mas os operários são poucos" (Mt 9,37). Estas palavras do Senhor Jesus são hoje em dia mais verídicas do que nunca, pois vemos as populações se multiplicarem, sem que haja operários de Cristo que as acompanhem devidamente. Podemos dizer, porém, que, colocando a sua Igreja diante deste desafio, o Senhor Deus lhe quis abrir novas

perpectivas através dos meios de comunicação social. Não há dúvida de que estes não substituem a riqueza da pessoa humana portadora do Evangelho e da graça; todavia podem tornar-se eficazes complementos da obra de evangelização, se forem sábia e sagazmente utilizados por pastores, Religiosos e leigos do povo de Deus. Embora o recurso a tais meios seja árduo e de difícil alcance, a simples consciência do valor que lhes compete, é por si apta a despertar a criatividade e a iniciativa de todos aqueles que amam o Evangelho!

#### NOTAS

1. Sem querer descer a pormenores técnicos, podemos dizer que opinião pública é o modo de ver e julgar que determinada sociedade professa de maneira geral ou coletiva. Está claro que este modo de ver e julgar depende de numerosos fatores que agem sobre tal sociedade, contribuindo para

que seus membros pensem desta ou daquela maneira. Por isto, existe, da parte de muitos indivíduos e grupos, interesse em manipular e canalizar esses fatores influentes.

the state of the state of

4 ...

2. YOUNG, KIMBALL, Social Psychology. New York 1949, p. 421.

#### **BIBLIOGRAFIA**

Instrução Pastoral Communio et Progressio, em SEDOC 38, 4.07.1971, cols. 30-36. Concílio Vaticano II, Decreto Inter Mirifica. Pio XII, encíclica Miranda Prorsus. As cartas anuais de Paulo VI dedicadas ao Dia Mundial das Comunicações Sociais, Domingo depois da Ascensão do Senhor. MONIQUE AUGRAS, Opinião Pública, Vozes de Petrópolis. Nesta obra encontram-se numerosas in-

dicações bibliográficas. GILSON, ETI-ENNE, La Société de masse et sa Culture. Paris 1967. ZANANIVI, GASTON, L'Eglise et les moyens de communication social, em Esprit et Vie, 81/3, 9/09/1971, pp. 494-499. WIENER, NOR-BERT, Cibernética e Sociedade. O uso humano dos seres humanos. São Paulo, 1968. COUFFIGNAL, LOUIS, A Cibernética. São Paulo, 1966.

A primeira vista, o tema da evangelização poderia parecer dessas verdades tranquilas, esbarrando em firme consciência da Igreja desde seus primórdios. Já no nascimento de Cristo, os anjos apresentam-se como os primeiros evangelizadores (Lc 2,10s) e durante toda a vida pública de Cristo aparece a tônica do anúncio de uma grande nova, de uma realidade surpreendente, que já começa a ser realizada na sua pessoa e deve ser anunciada e construída através da história: o Reino de Deus (Mc 1,15; Mt 13). Jesus ressuscitado prescreve aos apóstolos de ir anunciar a todos os povos o Evangelho da Salvação (Mc 16,15). Para elucidar a complexidade do termo evangelização, não basta prender-se ao sentido etmológico, mas é necessário fazer uma pesquisa semântica, procurando estudar as modificações de significação, sua história. Dar-nosemos conta da causa e estrutura do processo de mudança nas significações da palavra (1). De fato, o termo evangelização sofreu no decurso da histéria contínuo processo de extensão de significado, refletindo a situação concreta com que a Igreja se defrontava na sua obra evangelizadora

Antes, porém, distingamos um duplo sentido que uma palavra pode
ter: sentido-base ou preponderante e
sentido contextual. O sentido-base
reflete elementos que se encontram
presentes ao termo nos mais diversos
contextos, ainda que com conotações
diversas. Assim o termo "evangelização" tem um sentido-base, independente do contexto, e que lhe é
potencial ou virtual, sendo por ele
delimitado. O sentido contextual vem
a ser a significação que um termo

# EVOLUÇÃO DO TERMO EVANGELIZAÇÃO

assume em determinada situação de discurso, em certas circunstâncias, como o meio ambiente econômico, sócio-político, cultural. Para descobrir o sentido-base, podemos lançar mão da concepção de "campos associativos", estabelecendo assim relações por associação com o termo em estudo(2). Fazendo rápido levantamento daquilo a que associamos o termo evangelização, poderemos captar-lhe o sentido-base.

Evangelização fala-nos de um processo de transmissão de uma realidade pertencente a uma ordem sobrenatural, do mundo divino, e que já se possui e se quer comunicar a outro. Reflete uma dupla consciência: certeza de que a realidade é importante para todos os homens, necessária mesmo, mas de uma natureza tal que o homem não a percebe atraNas páginas seguintes, em quatro tempos, quatro sentidos envolventes do termo evangelização

# J. B. LIBÂNIO, SJ

vés de sua experiência e a necessidade moral religiosa de comunicá-la aos outros. Implica um agente consciente, e capaz, se for necessário, de deixar sua pátria, — tal é a importância de sua mensagem —, para anunciá-la aos outros homens. Subjaz uma percepção de que o anúncio é meta-histórico: para todos os tempos e culturas; e meta-geográfico: para todas as regiões. Não se trata de uma realidade particular, para uso de um grupo, mas de destino universal. Quem a conhece não é um privilegiado, mas responsável para que ela seja divulgada. Frequentemente se mistura com uma invasão cultural, com uma idéia de superioridade em relação aos que não a conhecem. Por outro, o conhecimento de tal realidade é dom gratuito, recebendo-a, por sua vez, de outros. O conteúdo de tal anúncio não lhe vem de um estudo, pesquisa, reflexão pessoal, construção filosófica, mas de uma revelação divina, nova, até então não acontecida. Isto faz com que a responsabilidade de evangelizar seja grave: pertence ao mundo de Deus.

Poderíamos ampliar o campo associativo desta palavra "evangelização". Mas estes poucos exemplos já nos podem fornecer o sentido-base. Na raiz de todas essas associações existe a idéia central de uma transmissão de uma realidade religiosa, divina, em ordem à salvação de todos e que faz responsáveis àqueles que já a receberam gratuitamente, de comunicá-la a todos os outros para o seu próprio bem eterno. Este sentido-base vai ser vivido em contextos ao longo da história deste termo. Procuraremos determinar quais são os principais contextos históricos, em que evangelização foi entendida, a crise de tal significação, gerando, como consequência, uma mudança de significação. Este estudo não tem finalidade erudita, filológica, mas sim a de mostrar a evolução que a Igreja teve na compreensão de tal realidade e a problemática subjacente.

Os diversos sentidos contextuais, dependentes da situação histórica vivida pela Igreja, vão-nos revelar elementos de compreensão da tarefa atual de evangelizar, visando diretamente a ajudar os religiosos nesta missão. Mas esta não está no ar, mas sim inserida num contexto mais amplo que os dias que nos envolvem. Reflete movimentos de base que vem agitando as ondas superficiais e que, uma vez conhecidos, perdem seu caráter atemorizador.

Primeiro sentido: evangelização é o primeiro anúncio da realidade da salvação, realizada em Jesus Cristo, a quem nunca a ouviu. Esta é a primeira significação do termo evangelização, que já encontramos nos textos do Novo Testamento e que se encontram também em alguns do Vaticano II. Tentaremos ver o contexto gerador de tal significação, os fatores que a colocaram em crise e a conseqüência desta coisa.

# Contexto gerador

Evangelizar é uma obrigação. Ai de mim se não evangelizar (1 Cor 9 16). Obrigação, que vem da consciência da certeza de que Jesus Cristo é o Salvador e fora dele não existe nenhum outro "Evangelho", nenhuma outra Boa-nova, mesmo se algum anjo nos aparecesse. Seríamos anátemas em seguindo-o (Gál 1,8). Esta força interna da consciência do plano de Deus a ser realizado através da obra evangelizadora imprimiu movimento acelerado àquele grupo inicial. Eles se sentem "chamados" — ekkletoi — são "ekklesia", a comunidade dos eleitos a anunciar a maravilhosa realidade que experimentaram. São a "gahal", a comunidade que existe pela força criativa da palavra de Deus, o novo povo de Deus, a nova Israel, a nova comunidade dos santos, os salvos (At 2,47; 1 Cor 1 18) (3). A consciência desta novidade, desta originalidade, da definitividade da realidade fundante — a experiência de Cristo morto e ressuscitado — não podia de modo nenhum ser um tesouro

escondido, mas devia ser obtido e descoberto (Mt 13,46) nem um talento enterrado, mas devia ser valorizado (Mt 25,15ss).

Neste contexto, a evangelização surgia sobretudo como o primeiro anúncio desta novidade inesperada, insuspeitada e acima de toda expectativa humana. Toda vez que a Igreja despertar para a experiência da novidade do anúncio, o termo "evangelização" vai assumir o colorido de um anúncio novo, primeiro. Como Israel, a Igreja se sente escolhida. Entretanto sua missão é de natureza universal, dirigida a todos os homens. É uma eleição em vista dos outros. Mas não deixa de ser um grande privilégio, uma riqueza inesgotável (Ef 1,18; Rom 11,33) que se carrega em vasos frágeis (2 Cor 4,7). O contexto teológico de tal concepção de evangelização era tanto mais carregado da idéia do "primeiro anúncio", quanto mais clara era a consciência que se tinha da maldade do mundo fora deste anúncio. Todos os homens, judeus e gregos, estão sob o domínio do pecado (Rom 3,9). Com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus (Rom 3,23). Esta certeza de Paulo se transformará em dado da tradição da Igreja e reforcará o contexto gerador de tal perspectiva de evangelização. Tal consciência se condensará na fórmula teológica, "extra Ecclesiam nulla salus", que percorre longo itinerário, de Origenes e Cipriano até nossos dias (4).

Este horizonte missionário de evangelização foi sofrendo aumentos na medida em que novos povos surgiam para serem evangelizados.

No início do cristianismo, o império romano, incluindo judeus e gentios, apresentava-se como grande campo de evangelização. Depois virão as tribos bárbaras do leste. No século XVI, as grandes descobertas relançaram uma igreja cansada para novas terras, onde o anúncio de Cristo não tinha sido proclamado. As cartas de Francisco Xavier e dos missionários do Brasil ressudam de tal compreensão de evangelização (5). Lá o erro, a infelicidade, a condenação, a perdição eterna, a miséria e a escravidão da alma. Do nosso lado está o evangelho, força de Deus para a salvação de todo crente (Rom 1,16) e que deve ser proclamado na densa obscuridade do paganismo.

Dentro desse contexto, não se duvida em nada da força convertedora do evangelho. Qualquer deficiência de resultado só pode vir da maldade humana, seja do ouvinte que é preguiçoso, seja do pregador que se tornou indigno ou remisso. A pregação, como tal, é eficaz, e de si não deixa de causar fruto, desde que a liberdade humana não lhe ponha óbice. Finalmente outro elemento caracterizando este contexto: a alegria. Esta alegria encontra suas primeiras expressões na perspectiva lucana do Evangelho. A boa nova implica, como o envio do Espírito, o dom da alegria. O anjo a Zacarias: "o teu filho será para ti motivo de gozo e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento", (Lc 1,14). Estamos já nos inícios da realização da salvação. E as mensagens são de alegria. Maria também se alegrará diante das maravilhas acontecidas dentro de si (Lc 1,47). O nascimento de João e Jesus estão envoltos de alegria e maravilha (Lc 1, 58.64.68.; 2.10.14. 18.20). Nas aparições da ressurreição ficaram transportados de alegria (Lc 24,41) (6). Esta alegria vai acompanhar os apóstolos nas suas pregações e sofrimentos por Cristo (At 5,41) e na percepção das maravilhas que o Senhor operava com as conversões (At 11.23; 13,48; 2,27).

Esta significação de evangelização teve também seu eco no Concílio Vaticano II. No Decreto Ad Gentes, diz o Concílio que o fim específico da atividade missionária é a evangelização e a fundação da Igreja nos povos ou sociedades, onde ainda não está radicada (7). Ainda que Deus, por meio de caminhos, que somente ele conhece, pode levar os homens, que, sem sua culpa ignoram o evangelho, àquela fé sem a qual é impossível agradar-lhe (Hb 11,6), é, entretanto, dever imprescindível da Igreja (cf. 1 Cor 9,16) e ao mesmo tempo seu direito sagrado difundir o Evangelho. Desse modo a atividade missionária conserva plenamente — hoje como sempre — a sua validade e necessidade (8).

# Crise de tal significação

Com a mudança do contexto, surge uma crise a respeito do uso exclusivo de evangelização para esse primeiro anúncio. Sempre onde não houver sido pregado o evangelho, o primeiro anúncio será chamado evangelização, como vemos nos documentos do Vaticano II. Mas pergunta-se, se não se deve falar com certa modéstia de "primeiro anúncio de salvação", já que a experiência apostólica da Igreja tem mostrado que, antes da chegada dos primeiros missionários, já havia, em certas re-

giões, um nível elevado de bondade, de sabedoria, de santidade, de justiça, de alegria do bem, frutos próprios do anúncio de Cristo. Numa concepção histórico-salvífica, não podemos dizer que existe uma evangelização interior do Espírito Santo, anterior à evangelização externa da Igreja? (9) Daí não se pode mais entrar de modo tão glorioso em terras de missão, como os únicos salvadores, os iluminadores de mentes obscurecidas, os libertadores de almas escravizadas pelo pecado. Esta euforia e segurança que dominava o conceito de evangelização do primeiro sentido desaparece e questiona, portanto, o seu significado.

Mais. Olhando para os próprios fiéis, a consciência da Igreja chegou a triste constatação, de que o Evangelho ainda não penetrou em muitos de seus filhos. Uma tintura de verniz evangelizador foi passado, às pressas, sobre um fundo pagão, supersticioso, cheio de vício pré-cristão. Este fato vale de modo especial para os países sociologicamente católicos. Na França, o livro de Godin-Daniel (10) despertara a consciência para tal situação. Pio XI já tinha constatado como grande pecado do século a perda da massa operária. Eram, em grande parte, batizados, evangelizados, portanto, mas que de fato deveriam ser re-evangelizados. Numa palavra, o duplo fato de regiões não evangelizadas viverem o evangelho e de regiões evangelizadas não o conhecerem, nem viverem, produziu a crise de significação do termo "evangelização".

A consequência foi uma ampliação deste termo, não no simples sentido locutório, mas performativo, levan-

do a Igreja a uma nova percepção da evangelização. Outro contexto, outra significação. O sentido-base continua: a novidade salvífica realizada em Jesus Cristo. Só que tal novidade se realiza de modos diferentes. Há uma novidade temática, onde existe a realidade a-temática. Há uma novidade real, onde se julga existir a realidade temática. Assim passamos para o segundo sentido.

2

Segundo sentido: evangelização é todo anúncio, em palavra, da salvação realizada em Jesus Cristo, seja àqueles que nunca o ouviram, seja àqueles que já o ouviram.

# Contexto gerador

O segundo sentido amplia o anterior. A percepção de que muitos dentro da Igreja não foram realmente evangelizados, colocou em crise o 1.º sentido e fez com que a Igreja se preocupasse na sua evangelização, também com aqueles que já tinham sido, pelo menos nominalmente, evangelizados. É um contexto de realismo diante da situação de um catolicismo sociológico que começou a ser problema desde o IV século com as conversões em massa das hordas bárbaras. Comumente chamava-se a esta segunda etapa de catequese, que se construía sobre o fato da evangelização já feita. Mas de fato, nem sempre se trata de catequese de evangelizados, mas de real evangelização. O anúncio não é o primeiro no sentido do conhecimento temático, mas muita vez o é na verdade da vida.

E o contexto assaz conhecido do fenômeno de indiferença religiosa de inúmero setor cristão. Vem de uma evangelização feita de modo superficial, e de uma inadequação do crescimento cultural das pessoas em relação à mensagem, em geral, comunicada na infância. Não deixa de ser verdadeiramente chocante o fato de que todo um aparelho de transmissão do evangelho, dentro da estrutura paroquial, como na rede de colégios católicos, não consegue evangelizar. Em muitas regiões da terra, observa A. Görres, as crianças cristãs, na faixa entre 6 e 16 anos de idade, recebem mais de centenas ou mesmo milhares de horas de aula religião, catequese, pregação. Fora dos países socialistas, não existe nenhuma "cosmovisão" que disponha de semelhantes possibilidades institucionais a fim de educar as crianças. O resultado de tão poderoso esforço, na medida em que é acessível a uma constatação empírica, parece desconsolador. Depois de milhares de horas de ensino, o conhecimento é reduzido, a intelecção da fé carente, a práxis coerente da fé antes uma exceção que a regra, e o influxo no comportamento pouco convincente.

Em todo movimento de evangelização de massa, o processo se manifesta deficiente ao longo de certo
tempo. Faz-se mister retomá-lo de
novo. Não faz muito tempo, o processo evangelizador da Igreja se
avivava através de missões periódicas, sobretudo nas cidades do interior e através de manifestações de
massa nas grandes cidades. Este fenômeno revela o contexto de uma
evangelização mais ampla que o primeiro anúncio. Só que muitas vezes

não conseguiu aprofundá-la, mas simplesmente serviu para despertar esporádico de curta duração. A constatação da descristianização dos diferentes meios deu nascimento a um movimento de Igreja de imensa fecundidade, cujos frutos chegam até nós. Refiro-me à Ação Católica, nas suas diferentes formas. Foi momento alto no processo de evangelização. A palavra do evangelho era levada aos diferentes meios pelos próprios participantes deste meio e não vinha de fora, de modo esporádico e rápido. O meio da juventude operária (JEC, JUC)) foi subretudo atingido por essa ação evangelizadora.

Sem dúvida, estes movimentos de Igreja não se contentaram com uma simples evangelização da palavra. Vão atuar com vigor na ampliação do termo de evangelização para os sentidos seguintes. Já significam a superação definitiva do primeiro conceito restrito de evangelização, mais próprio da situação de expansão do cristianismo. O Concílio Vaticano II conhece tal conceito de evangelização, quando fala da ação entre cristãos, distinguindo-a da santificação. A evangelização aparece como uma parte do apostolado: "de fato, os leigos exercem o apostolado evangelizando e santificando os homens, e animais e aperfeiçoando com o espírito evangélico a ordem temporal" (12). O fim imediato de tais organizações (de ação católica) é o fim apostólico da Igreja, isto é, a evangelização e santificação dos homens e a formação cristã da sua consciência, de modo que consigam impregnar do espírito evangélico as diversas comunidades e os diversos ambientes (13).

Concluindo: esta extensão do termo evangelização significa uma percepção do importante papel da palavra, como primeiro anúncio e como aprofundamento, seja num meio não-cristão como já cristianizado. A santificação aparece como outra função distinta da evangelização, ainda que constitua com ela, a tarefa apostólica (apostolado) da Igreja.

## Crise de tal sentido

Duas razões, uma teórica e outra prática, questionaram a restrição do termo de evangelização ao ato da pregação. Vivemos em nosso contexto pastoral, a tensão entre evangelização e sacramentalização. A polêmica suscitou posições extremas. Uns queriam começar toda a evangelização de novo, ficando na palavra, deixando para mais tarde uma sacramentalização, considerada prematura. Qutros fincavam o pé na tradicional prática dos sacramentos. Este mal-estar pastoral revela uma insuficiência teórica da relação entre Palavra-Sacramento, que está na raiz da dicotomia evangelização-sacramentalização. Fazia-se mister uma reflexão mais aprofundada desta relação (razão teórica) para que a prática pastoral pudesse superar esse impasse entre evangelização-sacramentalização (razão prática).

A consequência de tal crise de significado levou a teologia a uma maior integração entre o duplo elemento palavra-sacramento, despertando os teólogos para a verdadeira essência do sacramento, como Palavra. Seguirá também uma renovação da prática evangelizadora, numa in-

tegração entre as pregações e os atos sacramentais. É a passagem para o significado seguinte.

3

Terceiro sentido: evangelização é todo anúncio da realidade salvífica em Jesus Cristo, feito em palavra e gestos sacramentais.

# Contexto gerador

A teologia católica dedica-se a uma reflexão mais aprofundada sobre a relação entre palavra e sacramento. Supera-se a idéia de que a palavra prepara, explica, anuncia a realidade do sacramento. A palavra teria, então, uma função missionária, evangelizadora em relação ao sacramento. A palavra, neste contexto, ficara presa à sua função nacional, cuja eficácia é indireta, dispositiva, preparativa. É esquema demasiado intelectualista. Tal contexto, ao ser questionado, dá lugar a uma concepção performativa, exibitiva da palavra. Ela pode significar, sim, noções que se relacionam entre si num "ato locutório". Ato pelo qual se notifica. Mas a palavra pode entrar num contexto em que ela realiza o que exprime. Sem isto ela tornase "insensata". Este ato ilucutório é performativo, exibitivo, operativo (14).

Este esquema de dicotomia entre a palavra e sacramento começa a ser superado pelos documentos do Vaticano II ao abordar a problemática da Liturgia. O critério que preside à renovação das celebrações litúrgicas por meio da inserção mais abundante, variada e apropriada da

Sagrada Escritura é a sua íntima conexão(15). Para que se supere a posição tradicional de que parte da liturgia da palavra não pertencia à obrigação grave do dever dominical, o Concílio, não falando do aspecto diretamente grave do preceito, insiste, entretanto, no fato de que a liturgia da palavra e a liturgia eucarística estão estreitamente unidas a ponto de formar um único ato de culto. Os fiéis são, por isso, incitados a participar de toda a missa(16). Em parágrafo eloquente, explica o Concílio que os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo. Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas por palavras e coisas também a alimentam, a fortalecem e a exprimem(17). Sem a palavra dialogal, que estabelece a amizade entre Deusque-fala e o homem-que-responde, o próprio sinal-sacramento não teria significado. A palavra formal do sacramento é alto grau de eficácia da palavra proclamada na fé. O que se proclama, é realizado. A palavra tem, pois, um caráter exibitivo(18).

O sacramento é o ponto culminante da palavra, para outorgar-nos a salvação(19). Nesta linha de pensamento, a essência do sacramento é a palavra. O sacramento pode ser considerado, dentro de uma teologia da palavra, como um acontecer totalmente específico da Palavra. O sacramento não se coloca no nível de qualquer palavra, mas é uma palavra na Igreja significando a presença vitoriosa, escatológica da salvação de Deus, dirigida ao mundo(20). Este contexto teológico levou, na pastoral, a uma superação da dicotomia entre

evangelização e sacramentalização, fazendo com que a evangelização fosse uma realidade mais plena, onde a palavra se apresentasse em momentos diferentes de densidade teológico-salvífica. O sacramento é palavra, a palavra é sacramento. A sacramentalização é o ponto cume do processo proclamativo da palavra no seio da Igreja. A evangelização t e r m i n a numa plenitude de palavra-sacramento.

Além do mais, o processo de personalização da vida cristã levou a uma aproximação entre estes dois polos. Significou superação de perspectiva ritualista, em que as práticas sacramentais eram antes objetivadas e não apareciam na sua riqueza de palavra apelativa e comprometedora e a pregação ficava presa a uma palavra sem performatividade. A teologia da Dei Verbum, ao abordar o tema da Revelação e a teologia da Lumen Gentium ao definir a natureza da Igreja levam-nos a uma visão sacramental da palavra e da Igreja, de modo que o campo da evangelização se amplia a tudo que suscite vida, participação, comunhão, pela palavra e pelo sacramento.

# Crise de tal sentido

A situação da Igreja nos últimos anos tem mudado em relação ao mundo sócio-político que a circunda. Não lhe basta proclamar a palavra e realizar os sacramentos. É-lhe pedida uma participação mais comprometida com a realidade. Pois do contrário temos a dupla e trágica constatação de que indivíduos de seu seio revelam na sua vida prática, uma fidelidade à palavra e ao sa-

4

cramento, mas contudo possuem uma insensibilidade social escandalosa. Fazem coexistir com sua vida cristã uma vida profissional à margem da justiça social, seja por atitude diretamente exploradora, seja por omissão, que, em última análise, não se distingue de verdadeira opressão.

O fato vai além do indivíduo. Países evangelizados, sacramentalizados, apresentam, não raras vezes, uma estrutura interna de aberrante injustiça social ou um poderio externo explorador. A condição de ser uma região evangelizada não importa, em termos de justiça social, nenhuma revelância. Este duplo fato, no nível individual, como social, levou a uma percepção da insuficiência da concepção de evangelização, restrita a um âmbito intra-eclesial.

# Consequência de tal crise

De um lado, resultou um descrédito da ação evangelizadora da Igreja, que, após tantos séculos de presença no Ocidente, não conseguiu uma implantação dos valores fundamentais do evangelho da justiça, da fraternidade, da igualdade, mas antes coexiste dentro de um contexto de enormes e escandalosas injustiças. Doutro lado, viu-se a necessidade de repensar o problema da evangelização dentro de um horizonte mais amplo, ajudando-se de categorias sócio-políticas. Assim passamos para o 4.º sentido, que procura englobar todos os anteriores, enriquecendo-os com nova dimensão social.

Quarto sentido: evangelização é todo anúncio, feito em palavras e gestos sacramentais e não-sacramentais, da realidade salvífica de Jesus Cristo, a fim de realizar a libertação de todos os homens e do homem todo.

# Contexto gerador

O sentido anterior do termo evangelização mostrara-se insuficiente, sobretudo por causa do horizonte de uma Igreja demasiadamente fechada em si mesma. A explicitação da palavra de fé e dos gestos sacramentais se demonstrara ineficaz dentro de uma situação nova, em que a consciência humana se desperta para as estruturas de injustiças dominantes. A pregação e os sacramentos, todo o processo evangelizador, pareciam amarga ironia de salvação, para pessoas que vivem uma vida de escravidão. Falar da liberdade dos filhos de Deus, da bondade infinita de um Deus, que é Pai, do amor materno da Igreja, da Eucaristia como sacramento da união e fraternidade, dentro de um contexto onde tudo está clamando o contrário, soa uma mentira cruel.

Está em jogo a própria credibilidade da fé e da Igreja. A sua missão
evangelizadora necessita ir além da
palavra e gestos sacramentais para
produzir outro tipo de ação, que
liberte o homem na sua totalidade.
A fidelidade da Igreja ao evangelho não lhe deixa outra alternativa:
ser sinal visível da presença do Senhor na aspiração pela libertação e

na luta por uma sociedade mais humana e mais justa. Somente assim a Igreja fará crível e eficaz a mensagem de amor de que é portadora(21). A libertação é parte intregrante da evangelização. Afirmação que fez eco durante o último Sínodo(22). Não se pode mais conceder uma evangelização que não implique também a libertação. E esta para o cristão se coloca na ótica da evangelização, apontando assim para uma perspectiva, que ultrapassa o âmbito puramente econômico, sócio-político, para dentro de uma realidade escatológica na vitória radical do mal, pessoal e social.

Neste contexto, o conceito de evangelização chega a sua mais ampla extensão, com sérias implicações para a fé, para a teologia, para a Igreja. A fé descobre sua dimensão política, sem negar-lhe a realidade teologal básica. Exprime-se não só como teoria, anterior a uma práxis, como dado de uma revelação, mas também enquanto é práxis, é força transformadora da realidade, é verificada, no sentido etimológico da palavra: verum — facere — verdade.

A teologia entende-se como reflexão crítica sobre a práxis e da práxis histórica, não somente quanto ao caráter epistemológico, mas como atitude lúcida e crítica a respeito dos condicionamentos econômicos e sócio-culturais da vida e reflexão da comunidade cristã. Trata-se de uma teoria crítica, à luz da fé, animada por uma intenção prática e indissoluvelmente unida à práxis histórica(23). A Igreja compreende-se como instância crítica(24). Surge nova consciência eclesial e não simplesmente meras acomodações. A partir desta nova consciência, de uma Igreja para o mundo, uma Igreja-missão, não se vê o mundo a partir da Igreja, (Lumen Gentium), mas a Igreja a partir do Mundo (Gaudim et Spes), num contínuo crescendo de compromisso com o mundo, através de opções políticas concretas(25).

Naturalmente neste contexto de intelecção da fé, da teologia, da Igreja, exercem forte influência as filosofias da práxis, que encontram no marxismo sua forma mais difundida, sobretudo no terceiro mundo(26).

# Problemas de tal significação

O conceito da evangelização adquiriu maior amplitude, incluindo o aspecto dos gestos de natureza libertadora. Isto não tem acontecido sem certa tensão dentro da teologia e da Igreja. Reações em dois sentidos opostos têm pertubado a tranquilidade e lucidez do processo. De um lado, forças de cunho reacionário em nome de um espiritualismo, consciente ou inconscientemente ideológico, propugnam a restrição da evangelização ao significado anterior. O contexto sócio-político, que gerara a crise da significação anterior, fora interpretado ideologicamente, segundo esta tendência, numa linha das filosofias da práxis, de cunho marxista e ateu. A fé, a teologia, a Igreja devem reagir contra tal marxização, voltando a uma posição tradicional de cuidar dos seus valores especificamente religiosos. A Igreja existe para anunciar a vitória sobre o pecado, que é o egoísmo pessoal, e uma conversão a Deus, a Cristo, através de uma fé ortodoxa e uma prática sacramental, conforme os mandamentos da Igreja.

Esta reação tem-se manifestado em todos os níveis. Fez-se ouvir no Sínodo, através de padres sinodais preocupados com uma horizontalização da fé, uma politicização da Igreja. Apelam para o exemplo de Cristo e de Paulo, que vivendo no contexto do Império Romano, cheio de injustiças, explorações, não se pronunciaram sobre estes problemas. Ademais a Igreja não tem competência nesses campos. Entretanto esta não foi a concepção predominante. Paulo VI sintetizou no seu discurso final a posição da maioria dos padres sinodais ao dizer que se esclareceu a relação de distinção, de integração (não separação, portanto, nem dicotomia) e de subordinação da promoção humana à evangelização do mistério de Cristo. Mais. No final do discurso, volta sobre o tema, mostrando que a libertação humana foi posta justamente em relevo pelo Sínodo. Ela faz parte do amor que os cristãos devem aos seus irmãos. Mas não se pode esquecer que a salvação cristã implica uma orientação própria: superação do pecado e da morte, introduzindo-nos na vida divina(28).

Doutro lado, certa tendência mais radical, manifestada, por exemplo, na Declaração de Cristãos para o Socialismo, Santiago do Chile, 23-30 de abril de 1972 (29), opta por uma via socialista e revolucionária, não deduzida de sua fé, mas exercendo papel desideologizador e crítico em relação ao modo de entender a fé. A fé aparece como fermento revolucionário, crítico, dinâmico. A contribuição da fé não é algo anterior à práxis revolucionária, que o cristão traria já feito ao chegar à revolução; mas no curso de sua experiência revolucionária, a fé se revela. criadora de novas contribuições que o cristão e ninguém teria podido prever de fora do processo(30).

A estes dois riscos, tem-se procurado uma compreensão dialética entre teoria e práxis no contexto fé e compromisso político, anúncio da salvação e libertação sócio-política. O risco é abolição da dialética, seja a favor do elemento teórico (posição reacionária, tradicional) seja a favor do elemento da práxis (posição radical revolucionária). O Sínodo tentou manter a dialética ao rejeitar as duas posições extremas, de um paralelismo entre libertação e evangelização (posição do Card. Bengsch, de Berlim) e da identificação entre libertação e evangelização (posição citada no Sínodo como perigo, mas não defendida por ninguém), elaborando a relação entre todo e parte integrante. A evangelização seria o todo da ação cristã. A libertação promoção humana — é parte integrante deste todo, de modo que numa evangelização sem libertação teríamos um todo carente de uma parte integrante e numa evangelização identificada simplesmente com a evangelização teríamos um todo reduzido a parte, portanto, empobrecido.

A vida religiosa está colocada diante desse processo evolutivo. Se o termo evangelização modificou-se na história, não é simples questão lexicográfica, mas implica uma intelecção da realidade e consequente atitude-resposta diante dela. Se a nossa vida religiosa estava praticamente dedicada a uma evangelização em palavra e gestos sacramentais, não pode mais, sem ser infiel ao próprio processo de evangelização, prescindir da tarefa da promoção humana, da libertação integral do homem e de todos os homens.

# Conclusão

O processo evolutivo do termo "evangelização" foi uma linha de sempre maior amplitude de conteúdo. Em cada momento, novos elementos eram inseridos. A crise vinha precisamente de sua insuficiência. Da situação inicial de uma comunidade privilegiada pelo dom do conhecimento e da vivência da salvação realizada em Jesus, a Igreja se viu a braço com tarefa sempre mais ampla. No início, está fascinada pelo primeiro anúncio. Evangelho é anunciar a novidade do Reino de Deus acontecido em Jesus Cristo. Mas o homem é ser lento para converter-se, tardo de coração (Lc 24,25) para compreender a riqueza e profundidade do mistério de Deus, de modo que a evangelização deve converterse num fluxo e refluxo de ondas, que de tanto bater contra o rochedo vão-se dando formas mais suaves.

Uma mentalidade objetivista foi responsável pela crescente separação da evangelização e sacramentalização, até que o fluxo personalizante começou a reencontrar a unidade profunda de ambas. O movimento evangelizador começou então a ver a crescente densidade sacramental da palavra, e o caráter de palavra de todo o Cristianismo. No princípio era a Palavra. A Palavra se fez história, e tudo que for graça, dom, santidade, será manifestação desta palavra, será palavra. A palavra necessitará, finalmente, deixar o âmbito sagrado da Igreja para misturar-se com o mundo, num movimento de denúncia, de anúncio, de construção, de transformação radical de estruturas injustas. A evangelização chegará então a seu grau pleno de desabrochamento, quando implicar a totalidade de uma ação encarnada na história, onde a graça de Cristo e libertação humana não caminham paralelamente, mas entrelaçadas numa unidade concreta, ainda que distinguível. A nossa tarefa evangelizadora coloca-se hoje nessa perspectiva de unidade com a libertação, sem perder-se numa identidade empobrecedora nem numa dualidade alienada e alienante.

#### NOTAS

1. SCHAFF, A., Introdução à Semântica, trad. bras., Ed. Civ. Brasileira, Rio de Janeiro 1968, p. 14.

2. FREIRE, P., Extensão ou Comunicação?, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 1971, p. 19ss.

3. LAMBERT, B., A nova imagem da Igreja, trad. bras., Ed. Herder, São Paulo 1969, pp. 20-99. PHILIPS, Mons., A

Igreja e seu mistério, Ed. Herder, São Paulo 1968, pp. 105-128. KUNG, H., A Igreja, trad. port., v. I, Lisboa 1969, pp. 63-150.

4. LIBÂNIO, J. B., Extra Ecclesiam nulla salus, em Perspectiva Teológica

5(1973), n. 8, pp. 21-49.

5. LEITE, SERAFIM, Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil, I-III, São Paulo 1965.

6. ROUSTANG, F., Une Initiation à la vie spirituelle, DDB, Paris 1961, p. 90.

7. Concilio Vaticano II, Decreto Ad Gentes, sobre a atividade missionária da Igreja, n. 6.

8. Concilio Vaticano II, Decreto Ad

Gentes, n. 7.

- 9. RAHNER, K., Die Gliedschaft in der Kirche nach der Lehre Enziklika Pius XII Mystici Corporis Cristi, em Schriften zur Theologie, Einsiedeln, 1964, II, pp. 7-94.
- 10. France, Pays de Mission, Paris 1943.
- 11. GOERRES, A., Pathologie des Katholischen Christentums, em Handbuch der Pastoraltheologie, II/I, Herder, Freiburg 1966, pp. 283-284.

12. Concílio Vaticano II, Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o Apos-

tolado Leigo, n. 2.

13. Concílio Vaticano II, o. c., n. 20.

- 14. DUCROT, O., e TODOROV, T., Dictionaire Encyclopédique des sciences du langage, du Seuil, Paris 1972, p. 423 ss.
- 15. Concílio Vaticano II, Constituição Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia, n. 35.

16. Concilio Vaticano II, o. c., n. 56. 17. Concílio Vaticano II, o. c., n. 59.

18. RAHNER, K., e JÜNGEL, E., Was 1st ein Sakrament, Freiburg 1971, p. 67 ss. SCHIRATO, S., Santificados pela palavra. Liturgia e Catequese: Edições Paulinas, São Paulo 1970, pp. 177-178. LIBÂNIO, J. B., Reflexão Teológica sobre os sacramentos, em Atualização, 4 (1973) n. 42/43, pp. 809-819.

19. SCHIRATO, E., o. c., pp. 184-191.

20. RAHNER, K., Was ist ein Sakrament? em Schriften zur Theologie. Einsiedeln 1972, X, pp. 33-39.

21. GUTIÉRREZ, G., Teología de la Liberación. Perspectivas. Lima 1971, p. 323, trad. bras. Ed. Vozes, Petrópolis 1975.

22. Diversos, A evangelização no mundo de hoje, Sínodo de 1974, Ed. Loyola 1975, pp. 33-39.

23. GUTIÉRREZ, G., o. c., pp. 20-34.

- 24. METZ, J. B., SM III 1239 e METZ, J. B., Les rapports entre l'Eglise et le monde à la lumière d'une théologie politique, em Théologie du Renouveau, Paris 968, II, p. 39.
- 25. LIBÂNIO, J. B., Elaboração do conceito de Igreja Particular, em Igreja Particular, Ed. Loyola, São Paulo 1974, pp. 41-59.

26. FERRÉ, A. METHOL, Política y Teología de la Liberación, em Víspera

8 (1974), n. 34, pp. 30-52.

 Intervenção do Cardeal Bengsch, Sínodo dos Bispos de 1974, L'Osservatore Romano, Ed. semanal em português, de 17.XI.1974.

28. Paulo VI, Discurso de encerramento do Sínodo de 1974, 26.X.1974, em L'Osservatore Romano, ed. semanal em português de 3.XI.1974.

29. SEDOC 5 (1972) n. 54, col. 623-532.

30. SCANNONE, J. C., Situación de la problemática Fe y Política entre nosotros, em Fe y Política, B. Aires 1973, pp. 13-47. ASSMANN, H., Compromisso político no contexto da luta de classe, em Concilium, n. 84(1973) pp. 473-481.

## ATUALIDADE DA REGRA DE SÃO BENTO

DOM TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO, OSB

Cinco elementos denotativos da perenidade e, portanto, da atualidade da Regra de São Bento

Resistindo ao senso crítico próprio ao nosso tempo, a Regra de S. Bento continua a ser reconhecida por todos os monges e monjas da Ordem, e pela Igreja, como a Norma băsica e inspiradora da vida que abraçaram. Não obstante este acordo, é normal que existam em relação a ela certas divergências, determinadas pela opção com que se vê a sua relação com a Palavra de Deus, com a Tradição da Igreja e a Tradição propriamente monástica, com o hoje da Igreja e dos homens em geral. Isto, aliás, evidencia a sua inesgotável vitalidade e permanente atualidade.

Por nossa parte, é assim que nos situamos neste centro de referências. Com relação à Palavra de Deus, o papel da Regra é conduzir o monge ao Evangelho, norma e inspiração primeira da vida cristã e, portanto, da vida monástica, e ajudá-lo a compreender e a viver as suas exigências, "guiados pelo Evangelho", conforme diz expressamente, o Prólogo da Regra. Aliás, a abertura formal da própria Regra à Revelação no c. 73, já implica, por si mesma esta relativização que ela se impõe: "para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há a doutrina dos Santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da perfeição. Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Velho e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana?". É neste contexto, que Bento escreve "esta Regra para demonstrar que temos algum início de vida monástica" (id. c. 73).

Como documento da Tradição eclesiástica, ela transmite a mensa-

gem evangélica da vida perfeita, tendo, sob este aspecto, valor tanto para qualquer cristão como para o monge. Como documento da Tradição monástica, ela ensina aos monges de todas as épocas e culturas a atitude ensencial que faz o monge, e o situa, a seu modo, diante de Deus, dos homens e das ceisas, segundo a inspiração do Evangelho e a experiência de fé da Morte e Ressurreição do Senhor: "de modo que não nos separando jamais do magistério de Deus e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até à morte, participemos pela paciência dos sofrimentos do Cristo, a fim de também merecermos ser co-herdeiros do seu Reino" (Prólogo, in fine). Veículo desta Tradição, ela nos transmite o apelo e a inspiração do evangelismo mais puro, que é abertura ao Espírito, abandono a Deus, procura incessante da sua Face ("se realmente procura a Deus", eis o teste vocacional do monge, segundo o c. 58), tendo por mediação vital desta experiência a koinonia fraterna que funda para o monge a obediência, a castidade e a pobreza, a estabilidade e a "conversatio morum", "sob a Regra e o Abade" (c.l).

Assim, a primeira obrigação do monge em face da Regra é estudá-la, meditá-la sem cessar, deixar-se penetrar por ela, para que se forme nele essa atitude espiritual que o faz verdadeiro monge, alguém que abandonou, nos limites do possível, tudo aquilo com que contam os homens, e se dispõe a organizar nesta perspectiva a sua vida. Ora, como qualquer outro documento da Tradição eclesial ou monástica, a Regra de São Bento concretiza a realidade

permanente do Evangelho em formas históricas e contingentes.

Daí, ser preciso distinguir nela o que é Tradição viva e o que é historicidade, sendo esta o fruto de circunstâncias históricas e influências culturais que se exerceram sobre aquele núcleo fundamental. A categoria de historicidade é o dado contingente necessário (permita-se o paradoxo) que encarna, com maior fidelidade, o conteúdo específico. Ela será, por isto, digna não de adoração, mas de respeito, e considerada como fonte de inspiração e espírito criativo.

Encarnando, pois, o projeto evangélico em costumes e num quadro que reflete o contexto histórico de S. Bento, a Regra é, ao mesmo tempo, Regra e regulamento, documento espiritual e código jurídico, na estimulante tensão do eterno e do provisório, do carisma e da instituição que a este serve. Passado o momento histórico em que Bento inscreveu o programa evangélico da Regra, todos os elementos contingentes perdem votos na medida em que representam uma cultura superada. A tarefa dos monges, hoje, é, pois, divisão entre o que devem reter e o que devem abandonar da Regra. A história, aliás, demonstra que eles nunca cessaram de o fazer.

Por outro lado, vivemos numa das mais profundas mutações da história, e elas colocam diante da Regra problemas inteiramente novos que ela é capaz de enfrentar sem ruptura radical com o passado, podendo, inclusive, inspirar-nos a ascese nova que a conjuntura estiver exigindo. Não sem relação com este aspecto, temos de considerar as con-

dições do Brasil que, dentro desta transformação cultural do mundo, apresenta aos monges que aqui vivem características bem peculiares de índole e de situação. Isto não pode ser desconhecido por uma tradição como a nossa que, em virtude do princípio mesmo da "estabilidade", sempre inclinou os mosteiros beneditinos a entrarem em simbiose constante com o ambiente em que se fixam.

Homens de Igreja, os monges não podem ignorar os problemas inéditos que a ela se colocam com a reforma empreendida pelo Concílio Vaticano II. Ora, o que nele fez a Igreja, senão rever, de modo corajoso, a sua presença ao mundo? Para não poucos, essa "estratégia da presença ao mundo, consequente ao Concílio, parece constituir para a vida claustral a possibilidade mais certa de renovação. Esta presença ao mundo é, de resto, um dos dados constantes da história monástica. Suas formas, é claro, foram as permitidas pelas estruturas sociais de cada época. Ser "estranho ao mundo" ("fazer-se alheio às coisas do mundo", c. 4, 23) não é ser "fechado ao mundo". Só aconteceu este tipo de fechamento em certas observâncias e, sobretudo, a partir da restauração do séc. XIX, que, apesar dos seus méritos, e sem prejuízo dos valores autênticos que ela nos legou, se produziu no clima espiritual do medievalismo romântico do seu tempo.

Diante de todo este desafio dos tempos e lugares, é mais do que nunca necessário o uso criterioso daquela "discretio" ("a discrição, mãe das virtudes" c. 64) que faz do monaquismo beneditino um projeto sem-

pre atualizável. Ela sabe encontrar a sábia dosagem, o equilíbrio e a harmonia do eterno e do contingente, prevenindo os monges de traírem, num e noutro sentido, isto é, por conservadorismo ou prurido de novidades, a herança autêntica que os qualifica. Se foram fiéis ao evangelismo da Regra, aos valores autênticos do mundo de hoje e às características da índole brasileira, os monges atuais poderão, com a graça do Senhor, prosseguir a obra dos seus Pais, sendo atentos, como eles, aos sinais de Deus no tempo e no espaço, para criarem, sem dano da liberdade que se deve conservar em face de todo provisório, as formas justas que harmonizem Evangelho e Cultura.

## Elementos essenciais da vida beneditina

Feito este exórdio, que se dedica mais ao lado hermenêutico da questão, passaremos, a tentar discernir os elementos essenciais sem os quais a vida beneditina não seria genuína. Quando São Bento aconselha o monge a ver no seu Abade "aquele que faz as vezes do Cristo" (c. 2) e a tratar os irmãos, os estranhos, os doentes e os pobres "como ao próprio Cristo" (c. 36, 53), ele vê o essencial da vida monástica como uma reprodução da "vida apostólica", no sentido que então se dava a esta expressão: a vida levada pelos apóstolos em torno de Cristo, com quem eles partilhavam o pão e que lhes dava parte na sua vida divina; que andou fazendo o bem, pregando, servindo ao povo e passando as noites em oração. Nesta síntese é possível ver os elementos essenciais que permitem reconstituir hoje a vida beneditina.

O primeiro elemento, condição prévia para o resto, é aquela "abnegatio sui" que o Senhor exige de todos que o queriam seguir: "Se alguém quer me seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz (cada dia, acrescenta S. Lucas) e me siga" (Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23; e textos paralelos como Jo 12, 25; Mt 10, 38, inclusive compreendendo não só a renúncia a si mesmo, mas também às coisas: Mt 19, 19, 21.27).

Esta "abrenuntiatio", depois chamada "renúncia ao mundo", não se identifica com a "fuga mundi" ou o "contemptus mundi" no sentido clássico, mas significa, antes de tudo, a "sequela Christi", a adesão a Deus e dependência dele. É a condição indispensável para buscar verdadeiramente a Deus, em Jesus Cristo e por ele. Ao invés do laborioso desprendimento dos filósofos, é a prática efetiva das Bem-aventuranças da Pobreza e da Pureza de coração. São Bento a exprime no logion lapidar do c. 4: "Abnegare semetipsum sibi, ut sequatur Christum", estendido também às coisas no incisivo "nihil omnino" do c. 33: "ninguém ouse ter nada de próprio, nada absolutamente, seja tudo comum a todos, nem diga, nem tenha a presunção de achar que alguma coisa lhe pertence".

Tal "abrenuntiatio", que aparece na liturgia batismal no momento em que se mostra a adesão a Jesus Cristo, é a constante fundamental que, desde a comunidade primitiva de Jerusalém, vemos passar às primeiras manifestações do que hoje chamamos "vida consagrada", vivida seja no meio da família, seja, mais tarde, pelos eremitas e pelos monges.

O segundo elemento essencial é uma íntima vida de comunidade, dentro da qual se torna viável a realização daquele despojamento e nudez. A Regra intenta resolutamente constituir uma "escola de serviço do Senhor" (Pról.), uma vida cenobítica (c. 1), em que todos sejam, sob o Abade, corresponsáveis por tudo: "Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o abade toda a comunidade. Dissemos que todos sejam chamados a conselho, porque muitas vezes o Senhor revela ao mais moço o que é melhor" (c. 3). Nas parábolas do Senhor, o seu grupo é como uma medida da farinha na qual o fermento divino se comunica de uma partícula a outra por contato direto. É normalmente à medida que cresce o amor humano, a "compaixão" humana, que também cresce nos corações o amor divino. "Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles" (Mt 18,20). Foi no contexto desta palavra, que Pedro perguntou quantas vezes é preciso perdoar, e ouviu em resposta que esse amor deve ser tão ilimitado quanto o de Deus, Como é evidente, a finalidade desta sociedade não é primariamente fazer algo por Deus, mas para que todos cresçam juntos na bondade e no amor divinos.

O terceiro elemento, essencial à comunidade em torno do Cristo, é que esta se reúna, ("com sincero

e humilde amor", c. 72), em torno de uma pessoa, o Abade, que tem o lugar do Senhor e através do qual o amor de Deus vem ao grupo. A parábola do Bom Pastor, em São Mateus, é expressivamente colocada no mesmo contexto das sentenças sobre o governo da comunidade cristã (Mt 18,12). Trata-se duma autoridade instituída para servir a cada irmão na busca de Deus em comum, segundo o modo de ser de cada um ("multorum servire moribus", diz o c. 2 sobre o Abade, que saiba "sibi oportere magis prodesse quam praeesse" e "studeat plus amari quam timeri" e "faça prevalecer sempre a misericórdia sobre o julgamento").

Uma comunidade é um ser vivo e deve respirar para viver, e agir na linha do bem. Ora, a oração é a respiração vital da comunidade e de cada um membro. Sinal da sua vida. Eis, pois, o quarto elemento essencial da vida beneditina, que a Regra invoca nas célebres palavras que nenhum monge pode esquecer: "Nihil Operi Dei praeponatur" (c. 43,7). Os Atos resumem a existência dos primeiros cristãos, dizendo que "eles perseveravam na instrução dada pelos Apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações" (2,42; 2,46). O Opus Dei é toda a vida do monge, embora se exprima privilegiadamente na liturgia monasterial e na oração particular. Mas ele inclui todo o trabalho, seja de subsistência, seja apostólico. Tudo é Opus Dei. O trabalho está tão unido à concepção que se formou da nossa vida, que esta é muitas vezes expressa pelo lema "ora et labora". Ele aparece na Regra em harmoniosa alternância com o Ofício

comum, a Lectio Divina e a oração "secreta".

O quinto e último elemento é o primado do que podemos chamar, segundo longa tradição bíblica, de "Via do Senhor". Como traduzir isto em categorias mais modernas da nossa cultura? A própria "espiritualidade" parece aqui inadequada. Tentemos, no entanto, explicar a Via. A Via é um clima, algo indefinível, mas, nem por isto, menos notável e perceptível. É o clima criado pelo senso agudo e entusiástico da presença ativa do Senhor ressuscitado em cada um e na comunidade, incitando ao fervor de caminhar em seu Espírito, em pleno coração da história, construindo dia a dia o "já agora" do Reino no "ainda não" do tempo inaugurado pela Ressurreição do Senhor e pela efusão do seu Espírito com seus carismas.

Na Santa Regra são muitas as ocorrências, diretas ou relativas, de sinais deste clima espiritual fervoroso. "Eis que por sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida (Prólogo). "Correi enquanto tendes a luz da vida" (id.). "Pelo progresso da vivência monástica ("conversationis") e da fé, de coração dilatado, na inerrável doçura do amor, corre-se no caminho dos mandamentos de Deus" (id.). Assim, para São Bento, o primeiro degrau da humildade é "a obediência sem demora, peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro do que o Cristo" (c. 5). Este capítulo é cheio de repetições dos termos que denotam fervor, prontidão, generosidade: "logo", sem "demorar", "rapidamente", na prontidão, no "desejo de caminhar para a vida eterna",

"lançam-se como que de assalto ao caminho estreito", "com alegria", tremor, sem delongas, não mornamente, sem murmuração", etc.

O conceito da Via só pode ser entendido nesse clima de fervor, de alegria, de entusiasmo e generosidade magnânima, próprio a quem descobre Jesus Cristo e o abraça. O c. 72 nos traça um quadro bem arcaico desse clima paulino: "Assim como há um zelo mau, de amargura, que separa de Deus e conduz ao inferno, assim também há o zelo bom, que separa dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna. Exerçam, portanto, os monges este zelo com amor ferventíssimo, isto é, antecipem-se um ao outro em honra. Tolerem pacientissimamente em suas fraquezas, quer do corpo, quer do caráter; rivalizem em prestar mútua obediência; ninguém procure aquilo que julgue útil para si, mas principalmente o que o é para o outro; ponham em ação castamente a caridade fraterna... nada absolutamente anteponham a Cristo, que nos conduza juntos para a vida eterna".

A Via parece-me corresponder ao que São Paulo quis significar ao cunhar locuções que constituem um verdadeiro "locativo-místico", tais como "em Cristo", "no Espírito", inventadas, com a necessária violência à gramática, para indicar a borbulhante vida nova pascal. Sob este aspecto, parece-me fecundo aproximar o dinamismo da Via, que é

"andar" em Cristo, daquela ascensão nos degraus da humildade do c. 7 da Regra e que levam ao homem novo no Espírito: "Tendo subido todos estes degraus de humildade, o monge atingirá, logo, aquela caridade de Deus que, perfeita, põe fora o temor. Por meio dela, tudo que antes observava não sem medo, começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume, não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo. Eis o que, no seu operário já limpo dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar por meio do Espírito Santo" (c. 7, in fine). A Via é o caminho para o amor perfeito, que só pode expandir-se à medida da "kénosis" das nossas falsas identidades.

Finalmente, a Via Domini inclui necessariamente uma dimensão coletiva, na perspectiva global da caravana humana em vias de tornar-se o "pléroma" do Cristo glorificado. O monge, na Via, participa, a seu modo, do esforço global de libertação a que a humanidade inteira é chamada a fazer na história, neste tempo intermediário e denso entre a Ascensão e a Volta do Senhor. Eis, em muito rápidas pinceladas, o que parece constituir, em conjunto, as exigências mais essenciais de um mosteiro beneditino no coração da Igreja e do mundo. Está sempre por fazer-se, no íntimo mesmo da nossa fraqueza, porque é nela que se revela a força do amor de Jesus Cristo.

# RELACIONAMENTO ENTRE ORDINÁRIOS DE LUGAR E RELIGIOSOS

Este documento que CONVERGEN-CIA publica abaixo foi redigido a pedido da Sagrada Congregação para os Religiosos. É a síntese de tudo o que se disse sobre o assunto durante várias reuniões dos Superiores Gerais. Um primeiro projeto de síntese foi enviado a todos os Superiores Gerais com o pedido das próprias observações. Aqui está o texto definitivo que considerou todas as observações enviadas.

## I. O LUGAR DOS RELIGIOSOS NA IGREJA UNIVERSAL E LOCAL

Os religiosos, homens e mulheres, clérigos e leigos, em resposta a um chamamento divino para atuar um dom particular de Deus, tradicionalmente chamado, vida segundo os conselhos evangélicos, desempenham um papel único e específico na vida da Igreja e na sua missão salvífica, Lumen Gentium, 43. A identidade particular do religioso não pode ser definida nem primária nem principalmente em termos de função. Os religiosos não são tais simplesmente por aquilo que fazem, embora este elemento tenha a sua importância è o seu peso. Nem são os religiosos definidos, de maneira satisfatória, como sendo aqueles que estão num plano mais elevado de perfeição, acima e além do chamamento universal à santidade na Igreja, Mt 5,6. A vida religiosa é antes uma vocação para viver, mais profunda e mais radicalmente, o mesmo evangelho, uma vida fundamentada no exemplo e na palavra do mesmo Senhor, Lumen Gentium, 43. É, portanto, uma forma particular de viver a fé de maneira permanente e dinâmica. É uma metanoia, no sentido mais profundo, ou seja, uma disponibilidade livre e total para seguir a Cristo e arriscar tudo por ele. É um sim ao convite do MESTRE que atinge a criatura no mais profundo de sua existência.

É a partir deste empenho fundamental que brota tudo o mais. O estilo de vida em comum, tudo reflete uma incondicionada adesão a Cristo. Esta identidade fundamental se reflete nas mais variadas formas na Igreja, segundo o espírito e as aspirações de cada fundador. Esta identidade se revela nos apostolados particulares pelos quais a multiforme experiência do Senhor Jesus encarna atualmente entre os homens com suas características próprias. "Tenham os religiosos todo o cuidado para que a Igreja, por meio deles, possa, cada dia melhor, apresentar aos fiéis e aos infiéis, Cristo seja enquanto contempla sobre o monte, ou anuncia o reino de Deus às multidões, ou cura os doentes e os feridos e converte os pecadores, ou abençoa as crianças e faz bem a todos, sempre obedecendo à vontade do Pai que o enviou", Lumen Gentium, 46. Em síntese, os religiosos seguem Cristo não para anunciar o evangelho, mas antes, anunciam o evangelho porque o seguem, ele que vive e opera na sua Igreja.

Como afirma o Concílio, os religiosos por força de sua consagração não se tornam uns estranhos a seus irmãos da Igreja universal ou em cada diocese, nem se tornam cidadãos inúteis à pátria terrestre. Pelo contrário, devem viver mais profundamente unidos a seus irmãos cristãos pela palavra e pela vida, Lumen Gentium, 46. O apelo para viver a santidade evangélica, de determinado modo, não reduz nem limita a perfeição a que são chamados todos os batizados. Pelo contrário, estimula e promove. Isto significa exatamente realizar a vida no centro e no coração da Igreja, no meio do Povo de Deus. Os religiosos não são estranhos aos problemas dos homens. Têm uma missão especial a favor deles. Com a obediência, a pobreza,

a castidade, os religiosos dão um testemunho efetivo daquela autêntica virtude a que todos os cristãos são chamados a praticar dentro e conforme seu particular estado de vida.

É verdade que a vocação leiga e a vocação religiosa se completam mutuamente como, por exemplo, no caso do matrimônio e do celibato consagrado. Mas são os religiosos que, com a decidida orientação escatológica de sua existência, colocam em relevo, com vigor, uma realidade eterna, permanente e ultraterrena, aqueles tesouros duráveis que a traça e a ferrugem não podem corromper. Abraçando a vida dos conselhos evangélicos, os "religiosos se constituem como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja a cumprir com desenvoltura os deveres da vocação cristã", Lumen Gentium, 44. Esta vida religiosa, muitas vezes incompreendida, se apóia unicamente numa opção de fé. A fé é o centro de cada atitude e de cada atividade da vida religiosa. Uma vida que integra oração e ação numa unidade orgânica e vital, como expressão existencial do primeiro e maior mandamento e alcança, por este mesmo ato, a Deus e ao próximo, segundo o ensinamento do Senhor. É vivendo esta experiência de fé na busca da perfeição da caridade que os religiosos dão à Igreja de Cristo sua contribuição específica e essencia!

Este espírito religioso de fé que se exprime no amor, embora dirigido ao Povo de Deus no seu conjunto, se concretiza nas Igrejas locais. Na Igreja universal, de fato, guiado pelo seu bispo auxiliado pelo presbitério, está presente e operante a Igreja una,

santa, católica e apostólica, Christus Dominus, 33-34. Os religiosos não estão segregados da Igreja local. São eles testemunhas de fé enquanto unificam a própria vida e o próprio serviço apostólico. Levam o evangelho para que ele exista no mundo. Logo, a sua atividade pastoral não constitui sua primeira e essencial razão de ser, embora esteja vitalmente fundida na sua vida. Uma outra diversidade provém do espírito de cada Instituto que os religiosos encarnam in loco. O Instituto tem uma configuração que ultrapassa os limites da Igreja local. É a sua quota de responsabilidade na Igreja universal. Em muitos casos são ainda os religiosos diferentes da Igreja local em razão da última dependência de uma autoridade extrínseca à Igreja local, autoridade a que se submetem e se sentem responsabilizados e solidários, por disposições históricas emanadas pela Santa Sé para o bem da própria Igreja universal, Christus Dominus, 35.

Estes dois aspectos de inserção na Igreja local e da relativa autonomia não se conflitam. São até complementares. Há uma semelhança que muito impressiona entre a responsabilidade dos bispos e a dos religiosos na Igreja. Os primeiros têm uma responsabilidade direta e imediata sobre a Igreja local que eles servem e dirigem e, ao mesmo tempo, são membros do Colégio Episcopal encarregado do cuidado de toda a Igreja, Christus Dominus, 6. Assim os religiosos estão à disposição das autoridades de seus Institutos e definitivamente à disposição da Santa Sé, se dedicam totalmente à vida e ao crescimento da Igreja local e estão

igualmente envolvidos na responsabilidade de plantar e de nutrir a fé na Igreja universal, Ad Gentes, 40. À luz desta recíproca responsabilidade dos bispos e dos religiosos para com a Igreja Universal e local, cada Igreja local sinta a exata necessidade de ter religiosos, promova positivamente sua presença, considerando como uma fonte vital de iniciativas apostólicas, e apóie, com generosidade, qualquer tentativa feita em favor de sua presença em outras Igrejas particulares onde ainda faltassem.

## II. ESTATÍSTICAS

Antes de tratar do tema: cooperação entre Bispos e Religiosos, deveríamos nos perguntar em que medida os religiosos estão hoje envolvidos no trabalho pastoral? Em que proporção, os sacerdotes religiosos estão engajados na pastoral? Em que percentual, o peso pastoral das dioceses do mundo, é atualmente sustentado pelos religiosos? Os quadros estatísticos, a seguir, respondem eloquentemente a estas e a outras perguntas.

### ORDINÁRIOS LOCAIS RELIGIOSOS Anuário Pontifício 1974

	Total	Religiosos	% Religiosos
Sedes residenciais com orinários resi-			
dentes	2.058	484	23.5
Prelazias com Ordinários residentes Vicariatos apostólicos com ordiná-	99	74	74,7
rios residentes	81	64	79,5
Bispos Titulares	1.983	340	17,6

## CENTROS PASTORAIS COM PÁROCO RESIDENTE Anuário Estatístico da Igreja 1971

it.	Diocesanos	Religiosos	Total	% Religiosos
Átrica	1.505	2.955	4.460	66,2
América Setentrional	18.503	3.241	21.744	14,9
América Central	3.955	1.206	4.801	25,1
América do Sul	7.758	4.069	11.827	34,4
Asia	6.482	2.734	9.216	29,6
Europa	91.425	6.582	97.827	6,7
Oceânia	1.527	543	2.070	26,2
TOTAIS	130.615	21.330	51.945	14,0

Este quadro não inclui as paróquias vacantes ou atendidas por outro pároco (38.273), nem as quase-paróquias e os postos missionários com sacerdotes residentes (9.218), nem as quase-paróquias e postos missionários sem sacerdotes residentes (88.904).

# SACERDOTES DIOCESANOS E RELIGIOSOS A SERVIÇO DA DIOCESE

(Anuário Estatístico da Igreja, 1971)

	Diocesanos	Religiosos	Total	% Religiosos
África	4.694	12.367	17.061	72,4
América Setentrional	43.111	26.555	69.666	38,1
América Central	8.212	5.509	13.721	40,1
América do Sul	14.850	18.624	33.474	55,6
Ásia	13.113	12.445	25.558	48,6
Europa	183.704	71.568	255.272	28,0
Oceânia	3.053	2.624	5.677	46,2
TOTAIS	270.737	149.692	420.429	35,6

## SACERDOTES, RELIGIOSOS NÃO SACERDOTES E RELIGIOSAS RESIDENTES A SERVIÇO DAS DIOCESES

(Anuário Estatístico da Igreja, 1971)

	Sacerdotes Dioc.	Sacerdotes Rel.	Rel. Leigos	Religiosas
Africa	4.694	12.367	5.760	34.585
América Cen-				
tral		26.555	14.716	191.180
América Seten-			201 0000000	
trional	43.111	5.509	1.889	32.456
América do Sul	14.850	18.624	7.178	87.869
Ásia	13.113	12.445	6.517	75.764
Europa	183.704	71.568	39.141	575.118
Oceânia		2.624	3.149	17.999
TOTAIS	270.737	149.692	78.350	1.014.971

É à luz das considerações anteriores que se podem posicionar as duas questões práticas propostas à Assembléia Geral: 1.ª) O que os religiosos esperam dos bispos? 2.ª) Quais os meios concretos para garantir uma ordenada e fecunda cooperação entre bispos e religiosos, em nível internacional, continental, nacional e diocesano?

# III. O QUE OS RELIGIOSOS ESPERAM DOS BISPOS?

## Problemas atuais

Nos últimos anos, especialmente depois do Concílio, houve notáveis progressos no relacionamento entre os Ordinários locais e os religiosos. Este fato tem sido repetidamente relevado nos encontros da União dos Superiores Gerais. Não obstante, há problemas ainda. Se não fosse assim, a melhoria do relacionamento não

seria o tema da próxima Assembléia Geral. Vamos tentar configurar alguns destes problemas, como foram expressos por alguns Superiores Gerais, na esperança de que isto possa ser um progresso na busca de uma solução satisfatória.

1, O problema principal está na área das duas responsabilidades: a responsabilidade do Ordinário que diz respeito à Igreja local em todas as suas dimensões e a responsabilidade da comunidade religiosa preocupada de viver o único testemunho comum a todos os religiosos e a manter intato o seu carisma específico e a sua missão na Igreja universal, trabalhando na Igreja local. Isto leva, com frequência, a conflitos de interesses. Enquanto os religiosos desejam manter seu papel específico na Igreja, os interesses dominantes nos bispos estão frequentemente voltados para as necessidades imediatas da Igreja local.

2. Por outra parte, pela relativa autonomia concedida pela Igreja aos Institutos de Direito Pontifício, os religiosos, muitas vezes, sentem-se relegados a um papel secundário ou periférico na vida da diocese. Quando se esforçam para preservar o espírito e a missão particulares, previstos pelo fundador, em benefício da Igreja universal, com freqüência os religiosos têm a impressão de serem apenas tolerados nas estruturas que orientam a pastoral da diocese.

## **Exemplos**

- 3. Na ampla perspectiva destes dois pontos, elencamos alguns exemplos específicos:
- 1.º) Nos últimos anos, frente à diminuição numérica dos padres e dos religiosos e pela insistência de bispos em muitos casos, os religiosos assumiram responsabilidades paroquiais, de apostolados locais, etc. Isto sacrificou necessariamente características basilares de sua vocação, como: a vida comum, a fraternidade, o carisma particular do Instituto.
- 2.º) Carece, algumas vezes, o bispo de um conhecimento suficiente da finalidade específica do Instituto e não há diálogo a este respeito.
- 3.º) A presença dos religiosos n o s organismos representativos, como Conselhos Presbiterais, em muitos lugares do mundo tornou-se uma regra. Em outros, porém, é grandemente descuidada. Os religiosos também isto acontece não são convidados a participar na planificação diocesana, mesmo naqueles lugares onde as estruturas pósconciliares foram já organizadas.

- 4.º) O recrutamento de vocações religiosas é frequentemente desestimulado, sem cooperação, quando não obstaculado. Há casos em que é abertamente proibido.
- 5.º) A preparação nos seminários dá pouca ou nenhuma informação sobre a vida religiosa, não obstante as orientações do Concílio a este respeito, Optatam Totius, 19.
- 6.º) Quando os religiosos, depois de estudos e discernimento, querem abandonar uma obra particular pela sua incompatibilidade com a vida religiosa, encontram incompreensão e forte oposição da parte dos bispos.
- 7.º) Há bispos que simplesmente desconhecem os religiosos; outros não se ocupam deles. Mas todos não hesitam em fazê-los assumir tarefas de qualquer gênero, basta que apareça a necessidade.
- 8.º) Em alguns casos, especialmente nas missões e em terras de Igrejas Jovens, nos quais há uma percepção menos profunda do caráter específico da vida religiosa, o bispo age como se fosse um chefe absoluto da diocese. Neste caso há um enfraquecimento do próprio sentido da vida religiosa.
- 9.º) As comunidades religiosas de direito diocesano são frequentemente consideradas como comunidades do bispo e utilizadas segundo seus planos, contrariando o aspecto religioso no sentido pleno da palavra, que tem uma finalidade própria, uma vida de comunidade própria, uma missão própria.
- 10.º) Com relação aos religiosos problemáticos, de espírito independente, que se subtraem à autoridade

do próprio superior e recorrem à autoridade do bispo, entrevê-se a necessidade de uma aberta e leal troca de pareceres entre o bispo e o superior antes de tomar qualquer providência. Estes religiosos são facilmente ouvidos e rapidamente aceitos.

- 11.º) Certamente, na mudança dos párocos, o superior deveria preocupar-se pela exigência da estabilidade e da continuidade que o bem do povo requer. Tem-se notado que o exercício do direito que tem o Superior Maior de remanejar as pessoas, quando necessário, não é sempre bem visto e, consequentemente, é causa de atrito e de tensão entre o ordinário local e a comunidade.
- 4. Os pontos acima sublinhados, expõem alguns dos problemas e das áreas de conflitos entre a jerarquia e os religiosos. Este elenco de casos não é exaustivo nem universalmente válido. Mas certamente reflete situações atuais. Na faixa de determinados apostolados, os religiosos leigos experimentam, com relação aos bispos, dificuldades menores que as comunidades clericais, porque a sua posição como religiosos é mais claramente definida.

## IV. VOLTANDO À PERGUNTA INICIAL

À luz desta problemática, as perguntas feitas no início, ficam bem enfocadas. Podem se apresentar então algumas propostas como possíveis soluções. Desde o começo fique claro que, como religiosos, temos nossa quota de responsabilidade e que, portanto, somos nós os primeiros a endossar as deficiências apontadas. Temos, na Igreja e da Igreja, a obrigação de aprofundar a compreensão da identidade de nossos Institutos e exercer o apostolado de acordo com o espírito do fundador.

Realizar os valores específicos da vida religiosa. Queremos pedir aos senhores bispos que reconheçam os valores presentes na vida religiosa como tal, antes mesmo de ver-nos principalmente em termos de agentes de trabalhos a executar. Pedimos que não somente nos permitam de dar a nossa contribuição à Igreja local segundo a nossa missão específica, mas também que nos estimulem e insistam para que a demos. A nossa opção de apostolado deve ser resultado de um frutuoso e paciente diálogo entre a autoridade da Igreja local e nós mesmos. Nosso propósito comum deve ser de contribuir ativamente na orientação da diocese, debaixo da direção do bispo, naquelas áreas que são afins com nosso estado de religiosos.

Entender a vantagem da autonomia dos religiosos. Esperamos que a relativa autonomia que a Igreja nos dá, não seja vista como área de contestação, mas como meio para promover o Reino de Deus. Se não estamos totalmente ligados a estruturas locais é para vantagem de uma aproximação apostólica diferente e de uma maior disponibilidade para com toda a Igreja como ainda para vantagem de uma perspectiva mais universal e internacional, de uma flexibilidade que nos permita ser mais criativos na solução dos novos problemas.

Integração vital na pastoral da diocese. Parece-nos que seja extremamente importante para ambos, religiosos e bispos, sublinhar a unidade basilar na diversidade que constitui a Igreja local. Se somos religiosos sacerdotes, fazemos parte de um único presbitério ao redor do pastor principal, mesmo se o exercício de nosso sacerdócio possa tomar feições e formas as mais diversas. Se somos religiosos leigos, queremos nos sentir completamente inseridos, como membros de pleno direito no inteiro plano pastoral da diocese. Seria sumamente agradável conseguir estes objetos em união com o bispo e as autoridades diocesanas, através de planos de longo alcance, mesmo a longo prazo, à medida que a planificação futura da diocese se desenvolvesse.

Validade das comissões mistas. Vemos as comissões mistas, de religiosos e de membros da jerarquia, em todos os níveis de vida da Igreja, como fundamentais para alcançar os nossos fins respectivos e comuns. As comissões mistas são um importante meio para evitar esforços inúteis, duplicados e sobreposição de iniciativas.

Promoção da presença religiosa. É nossa firme esperança que todos os bispos, não somente aceitem nossa presença nas dioceses e nos permitam de manter nossa identidade, mas que ativamente respeitem, defendam e provovam a nossa presença religiosa como enriquecimento espiritual da diocese.

## V. MEIOS CONCRETOS PARA ASSEGURAR UMA ORDENADA E FECUNDA COOPERAÇÃO ENTRE BISPOS E RELIGIOSOS, EM NÍVEL INTERNACIONAL, CONTINENTAL, NACIONAL E DIOCESANO

- 1. Pedimos que os bispos promovam e apóiem as estruturas autorizadas pelo Concílio e pelos documentos pós-conciliares. Estruturas que buscam uma colaboração mais integral e completa no apostolado de todos os membros da Igreja local, como por exemplo: Conselhos Diocesanos, etc.
- 2. Solicitamos, com insistência, que os religiosos sejam inseridos na vida e nas estruturas da Igreja em todos os níveis, especialmente constituindo comissões mistas de bispos

e de religiosos, vistas como instrumentos necessários e práticos para garantir bom relacionamento, para unificar os esforços, para evitar duplicidade de iniciativas. Apoiados nestas linhas, recomendaríamos as seguintes medidas:

Em nível internacional. a) Representação do clero religioso na Assembléia da Sagrada Congregação para o Clero. b) Representação dos Religiosos e das Religiosas, especialmente daqueles que são totalmente empenhados na Educação, na Assemblementa de la Educação de la Educação, na Assemblementa de la Educação de la

sembléia da Sagrada Congregação para a Educação Católica.

Em nível continental. Onde existam organismos das várias jerarquias nacionais das Conferências de Superiores Maiores, como, por exemplo, na América Latina comissões conjuntas sejam vistas como necessárias para aquelas regiões apontadas em V, 2, sublinhando especialmente a necessidade de se evitar duplicidade de medidas e de programas.

Em nível nacional. a) Que se estabeleçam estruturas convenientes para que os religiosos participem das assembléias nacionais da jerarquia, ou como observadores ativos, ou como membros da comissão de programação destas assembléias, ou melhor ainda, com uma partipação plena e ativa. b) Que exista um comitê permanente, com encontros regulares, para uma frutuosa colaboração e solução dos problemas comuns, composto de representantes da Conferência Nacional dos Bispos e de representantes da Conferência Nacional dos Superiores Maiores.

Em nível diocesano. a) Representação dos religiosos no Conselho de Pastoral e em outras comissões diocesanas, como, por exemplo: da educação, da pastoral dos doentes, etc. b) Que seja reconhecido e promovido o direito que têm todos os religiosos que trabalham nas dioceses de formar uma associação própria, por exemplo, um secretariado diocesano para os religiosos, onde os seus problemas e os seus interesses comuns

- posam efetivamente serem tratados.
  c) Que se assuma seriamente a nomeação de um religioso como vigário para os religiosos e religiosas da diocese ou se aceite a idéia de uma equipe que seja formada de religiosos e de religiosas. d) Que haja representação dos religiosos nas comissões daquelas paróquias onde os religiosos estão engajados, como por exemplo: no Conselho Paroquial.
- 3. Insistimos que se estabeleça um espírito de mútua cooperação e entendimento na promoção das vocações para o clero diocesano e para a vida religiosa, sem subestimar o valor de um e de outro. Que o candidato possa avaliar estes valores positivos inerentes a ambas as alternativas e chegar a uma opção própria, livre e pessoal. Isto significa dar aos religiosos, especialmente àqueles que trabalham na diocese, a liberdade de encorajar e encaminhar jovens para o próprio Instituto; ou então, nas dioceses onde existem equipes de recrutamento, os religiosos sejam nelas inseridos. É claro que recomendamos vivamente aos religiosos que demonstrem o mesmo espírito em promover os interesses do clero diocesano local.
- 4. Para alcançar estes objetivos propostos pelo Concílio, Optatam Totius, 19, os seminários a quem compete a formação dos padres diocesanos, insiram nos seus programas, uma conveniente exposição do papel dos religiosos na vida da Igreja, com fundamentação teológica, pastoral e jurídica.

# ANOS JUBILARES

1

# CONGREGAÇÃO DAS RELIGIOSAS FRANCISCANAS IMACULATINAS

Irmã Elisabette Gnerre

A CONGREGAÇÃO DAS RELI-LIGIOSAS FRANCISCANAS IMA-CULATINAS, de Direito Pontifício, nasceu a 8 de dezembro de 1881, no Sul da Itália, precisamente na pequena cidade de Pietradefusi, no antigo Reino de Nápoles. A idéia de sua fundação surgiu diante do entusiasmo pela renovação espiritual, o fervor pela vida de pobreza e de penitência, o anseio de viver em fraternidade de um grupo de jovens Terceiras Franciscanas. A vida evangélica, cuja poderosa eficácia no seguimento e na imitação de Cristo, São Francisco experimentou desde o início de sua conversão, constitui a finalidade principal da Congregação das Religiosas Franciscanas Imaculatinas, fundada pelo Capuchinho, Frei Ludovico Acernece, da Província Monástica de Nápolis.

Desde a infância Frei Ludovico se distinguiu por uma extraordinária ternura para com Nossa Senhora. Ao fundar a Congregação quis que a ela fosse consagrada e que o nome de Maria Imaculada fizesse parte do título, constituindo-se em distintivo. Uma das características da Congregação é "ser, através das gerações, uma homenagem sempre nova à Virgem Imaculada, em expiação das ofensas feitas a Deus com os pecados da humanidade." Para tornar realidade o seu sonho: a renovação da vida cristã segundo a concepção de São Francisco através de uma Congregação feminina, que ao lado dos serviços sociais de toda a Ordem Franciscana, se dedicasse à educação crista da juventude, Frei Ludovico Acernese precisou enfrentar anos de lutas e dificuldade que lhe vieram

do ambiente de crescente agnosticismo da época e da mais amarga oposição que lhe surge no próprio seio da família Capuchinha.

A Congregação das Religiosas Franciscanas Imaculatinas teve inicio trabalhoso, encontrou entraves de toda espécie a cortar-lhe o caminho. A vitória tarda, mas realiza-se o desenvolvimento de uma Congregação entregue à mulher imbuída do espírito de sua missão cristã e disposta a igualar-se às suas imposições. Resulta desta disposição varonil o criterioso aproveitamento das oportunidades que a Providência oferece aos corajosos, o pronto recuo quando mudanças ou supervenientes circunstâncias o aconselham. O fruto mais apreciável destas decisões acertadas foi o salto através do Atlântico, por um pugilo de Irmãs, para, a pedido de Dom Florêncio Sisínio Vieira, Bispo de Amargosa, fundar em Jaguaquara, Estado da Bahia, a primeira casa fora da Itália. Mas como as obras predestinadas ao pleno sucesso, costumam passar por provações iniciais, repetem-se, na ocasião, as vicissitudes dos primeiros passos da fundação ameaçando aniquilar, à última hora, as legítimas aspirações de seis jovens missionárias. Felizmente a corajosa fé em Deus prevaleceu sobre os receios pusilânimes de insucesso e, em 1950, as Religiosas Franciscanas Imaculatinas, se estabeleceram no Estado da Bahia, desenvolvendo um precioso trabalho de fé e de amor a serviço dos irmãos.

A chegada das seis irmãs em Jaguaquara — Toca da Onça — foi considerada um verdadeiro marco histórico para aquela pequena cidade, quase um povoado na época.

Alguém assim a descreyeu: "O povo ansioso esperava a chegada das seis missionárias. Da modesta estação ferroviária, da qual hoje resta apenas uma lembrança, se deslocou um cortejo precedido pela figura de humilde filho de S. Francisco, Frei Egídio de Elcito (fervoroso missionário capuchinho da Vice-Província da Bahia e Sergipe, pertencente à Província de Ancona, sob cuja mediação e orientação, as Irmãs Franciscanas Imaculatinas chegaram à Bahia) e, com ele, seis jovens religiosas, ricas de ideais, vindas de Pietradefusi, Itália, para fezerem de seus talentos, de suas energias e de suas vidas uma doação de amor. Ao recolher-se na tranquilidade silenciosa daquela cidade perdida na imensidão do Brasil, do íntimo de cada uma das Irmãs, deve ter brotado a renovação da oferenda total: "Senhor, tu és a parte da minha herança e de meu cálice; está nas tuas mãos o meu destino (SI 15)".

Assim, em janeiro de 1950, as Irmãs Franciscanas Imaculatinas davam início a um encontro cuja abertura e simplicidade as ajudariam a conhecer e a encarnar a realidade local, levando-as, gradativamente, a assumirem, como próprios, os costumes, as tendências e a própria vida daquela cidade do sudeste baiano. Era mais uma Congregação vinda do estrangeiro, com a capacidade de aclimatar-se e identificar-se de tal modo a chegar, em curto prazo, à formação de um número de religiosas brasileiras. Saindo da angústia geográfica de uma região européia, as Religiosas Franciscanas Imaculatinas vinham para a vastidão deste nosso quase-continente e para a amplitude dos problemas humanos e religiosos. Para elas tratava-se de uma experiência nova, de um gesto heróico e temerário; porém, o "risco" foi superado graças à coragem viril, ao espírito de iniciativa, à grande disponibilidade em atender às exigências da Igreja local, à exemplar organização com que desenvolvem suas obras apostólicas, à confiança que depositaram no futuro promissor da Igreja no Brasil.

Conforme o seu fundador: "As irmãs deste Instituto são filhas de São Francisco. Elas se reúnem para viverem em fraternidade e se dedicarem à ação missionária, pedagógica e social, principalmente à promoção da mulher." Por isto as Religiosas Imaculatinas se empenham na realização do ideal franciscano através da atuação das obras peculiares à Congregação, tais como: • Apostolado pedagógico, com base nos princípios cristãos em todos os níveis e usando todos os meios convenientes à vida religiosa. Apostolado social, colaborando para o desenvolvimento cristão, humano e econômico, tendo em vista as necessidades da Igreja local. Atividades paroquiais e catequéticas, assistência às pessoas idosas, pensionatos para senhoras. 🌩 Iniciação e animação de Comunidades Eclesiais de Base, pastoral da infância, da juventude e dos adultos, oportunos movimentos de evangelização.

"São bairros pobres que pedem sua presença, são famílias da sociedade que precisam de sua formação, são os apelos das paróquias que pedem a sua colaboração, são paróquias do interior que recebem a sua ajuda pastoral com muito amor. O

campo de trabalho aumenta sempre mais e as solicitações são inúmeras em todos os sentidos. Dirigimos uma palavra estímulo às dedicadas irmãs Franciscanas Imaculatinas e proclamamos sua determinação de serviço à causa da Igreja;" Dom Avelar Brandão Vilela, Cardeal-Arcebispo de Salvador.

Atendendo aos apelos da Igreja que, principalmente após Concílio Vaticano II, vem convidando os Institutos religiosos a uma renovação da própria vida para melhor corresponder às exigências dos tempos, a Congregação das Religiosas Franciscanas Imaculatinas vem intensificando os seus esforços nesse trabalho de renovação, inclusive na atualização das Constituições, consciente porém, que a mais legítima renovação da Vida Religiosa não consiste em adaptar estruturas, reformular constituições, ou em modificações acidentais, mas, sobretudo, na contínua conversão do coração. Por isto cada uma das Irmãs, segundo as próprias forças e capacidades, se empenha em viver a "Regra Suprema" da sua vida cristã-franciscana: o seguimento de Cristo pobre e humilde, segundo os ensinamentos do Santo Evangelho. No primeiro artigo das Constituições renovadas, elas se exortam mutuamente: "Como religiosas pertencentes à grande família franciscana, esforcemo-nos em progredir no conheci-. mento do Santo Evangelho; lê-lo e meditá-lo no coração; seguí-lo e vivê-lo em todas as circunstâncias, como "Regra Suprema" da nossa vida e testemunhá-lo ao mundo segundo as diretrizes da Santa Igreja."

Com seis religiosas, registrando um profícuo apostolado e continuando a apresentar encorajantes perspectivas de progresso e de novos campos de expansão apostólica, a Congregação das Religiosas Franciscanas Imaculatinas, **Região do Brasil**, completa 25 anos de vida missionária: "25 anos de lutas e de vitórias, durante os quais a Congregação prestou grandes serviços à Igreja da Bahia, desenvolvendo suas atividades missionárias, educacionais, sociais e paroquiais, dentro de uma renovação e atualização equilibradas, num trabalho fecundo e modelar, fazendo jus às bênçãos de Deus e da Virgem Imaculada, como à gratidão do povo de Deus e de seus pastores," Dom Florêncio Sisínio Vieira.

2

## CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA

### Irmã Caterina Vestrini

Impossível comemorar um centenário sem evocar o passado. Não se cresce sem ter percorrido as etapas gradativas de evolução anteriores a este crescimento. Não se considera uma longa caminhada sem contemplar o seu ponto de partida. A glória de um trajeto feito inclui o da decisão corajosa de uma arrancada. Assim, para comemorar o centenário da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, torna-se imprescindível o conhecimento de SAVINA PETRILLI. Savina nasceu em Sena, centro-oeste da Itália, de uma família pobre e simples, aos 29 de agosto de 1851. Era a segunda filha do casal Celso Petrilli e Matilde Vetturini. O pai, empregado de uma casa de negócios de peles, sustentava a família com seu salário, enquanto a mãe atendia aos afazeres domésticos.

Savina foi batizada no mesmo dia do nascimento. Varias e repetidas enfermidades afligiram desde cedo a criança e, por este motivo, abrindo uma exceção às leis eclesiásticas, foi ela crismada com apenas um ano de idade. Como sói acontecer às pessoas escolhidas por Deus para grandes realizações, Savina começou a sofrer desde a infância, exigindo dos pais especiais cuidados, pelas múltiplas enfermidades que ameaçaram tirar-lhe a vida. É difícil penetrar na intimidade das pessoas e desvendar os segredos de seu relacionamento com Deus. A vocação de Savina situa-se na esfera desses mistérios impenetráveis. Criança ainda, manifestou grande amor à oração e verdadeiro espírito de sacrifício e de renúncia. Costumava deter-se em longas e profundas reflexões, considerando em todas as coisas criadas, a perfeição, o poder e a bondade de Deus.

Savina tinha 11 anos quando integrou o grupo de crianças que deveriam preparar-se à primeira comunhão. Dentre elas, era a mais jovem, a mais tímida, a mais simples. Tornou-se guia e exemplo de todas as suas companheiras. Logo aí revelou a capacidade especial de dirigir e guiar, inerente à sua personalidade e que a fez, no futuro, mãe de uma grande família religiosa. "Com todo ardor me consagrei a Deus e dei-lhe o meu coração, suplicando-lhe que não me restituísse mais".

Do mundo das letras e da ciência, Savina, muito pouco ou quase nada usufruiu. Sua saúde precária e condição social humilde, poucas oportunidades puderam oferecer-lhe neste campo. Seu estudo limitou-se ao nível primário. Mas o Espírito sopra onde quer. A vida de Santa Catarina de Sena despertou em seu coração um veemente ardor de apostolado à imitação da grande santa. Meditava sobre a paixão de Cristo e dela procurava participar de acordo com a mentalidade da época, em penitências corporais, não condizentes com a sua pouca idade e saúde.

Possuía um trato simples, desembaraçado, vivo, de uma inata bondade que sempre conservou, como ainda uma espontaneidade que atraía os corações. Inteligência pronta, caráter firme, soube colocar todos os seus dons a serviço dos pobres, seus irmãos prediletos. O seu exterior irradiava as qualidades mais evidentes de seu espírito e de seu coração: a simplicidade, a energia. Sua vida foi a expressão eloquente do amor a

Deus e ao próximo. Viveu as exigências da caridade evangélica e nela se imortalizou. Aos 18 anos, inspirada no exemplo da Virgem Imaculada, selou a sua doação a Deus com a profissão perpétua do voto de castidade, proferido a 15 de agosto de 1869.

(a) 2 2 2 "

A partir do dia 8 de dezembro de 1873, a convivência de um grupo de Filhas de Maria tomou uma feição toda particular, motivada pelo ideal de Savina de querer fundar um Instituto para meninas pobres. Três de suas amigas naquela data passaram a morar na casa de Savina. Assim, aquele ideal tomou consistência e Savina fez surgir a sua Congregação à base de uma atitude fundamental de coragem, de fé, de esperança, de disponibilidade e de amor. No dia 8 de agosto de 1874, a pequena família, composta de quatro irmãs e as primeiras órfãs acolhidas por elas, já com a aprovação diocesana, transferiu-se para uma residência definitiva na rua Baroncelli, que se tornou a Casa Mãe, o berço da Congregação. Savina tinha, então, 23 anos.

Com fé inabalável e abandono total à vontade de Deus, a ele se entregou certa de vencer todas as dificuldades. Decidiu com as companheiras que se chamariam Irmãs dos Pobres, título que traduziu o seu carisma, a sua nobre aspiração de querer levar, como irmã, a todos os que sofrem, o auxílio, o conforto, o amor. Escolheu como protetora do Instituto Santa Catarina de Sena, cujas virtudes muito admirava. Esta é a razão de ter dado à sua família religiosa o nome de Congregação das Irmãs

dos Pobres de Santa Catarina de Sena.

A fim de atender às necessidades do tempo escolheu, como obra específica da Congregação, a educação da infância e da juventude, de preferência proveniente das classes mais humildes da sociedade ou marcada por algum infortúnio. Mas abriu-a também às diversas formas de atividades pastorais e de assistência social, fundando para isso, hospitais, casas de repouso para velhos, creches, etc. Uma das suas maiores consolações, Savina experimentou no dia 17 de junho de 1906, com a aprovação definitiva das Normas de seu Instituto, concedida por São Pio X, após 23 anos da fundação.

A alma de Savina ainda se revelou na escolha do lema da Congregação: Onde está a caridade, Deus aí está. Nele expressou vivamente o o seu ideal que queria fosse também de suas filhas. Savina desejava fazer transbordar sobre o mundo inteiro os benéficos influxos do seu ardor missionário. E assim, aquiescendo à solicitação de um bispo brasileiro, realizou, em 1903, a fundação da primeira casa no Brasil, em Belém do Pará. Esta minúscula semente depois se multiplicou em copiosa messe, que hoje se estende sobretudo no Norte e Nordeste do País. Também na Argentina, a partir de 1909, se tornou campo da ação apostólica das Irmãs dos Pobres.

Humilde filha do povo, Savina entrou para a história simplesmente por ter sabido colocar-se nas mãos de Deus como dócil instrumento para a realização de seus planos de amor à humanidade. Lutara bastante e em consequência de tantos anos de trabalho incansável, de sacrifícios agravaram-se os seus sofrimentos físicos, minando-lhe as forças. Todos os cuidados médicos foram insuficientes para prolongar sua vida. 18 de abril de 1923 marcou para Savina o início da outra vida, a vida verdadeira, porque sem fim. Acreditamos tê-la em breve em nossos altares. O processo de beatificação foi iniciado em 29 de janeiro de 1941. O que mais desejamos, o que mais pedimos a Deus, é que nos conceda, a cada Irmã dos Pobres, a graça de continuá-la em sua missão de infatigável operária na construção Reino. Assim Deus será glorificado nela e ela em nós.

No dia 31 de janeiro de 1975, o Conselho dos 16 se reuniu juntamente com o Cardeal Arturo Araoz Tabera, CMF, então Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, com o Arcebispo Dom Agostinho Mayer, OSB, Secretário, com o Pe. Hélio Gâmbari, SMM, Subsecretário, para estudar a programação e o tema da próxima Assembléia Geral da Sagrada Congregação a se realizar de 16 a 18 de outubro próximo. O tema será: O relacionamento entre os Ordinários de Lugar e os Religiosos. Mais precisamente deverse-ão estudar as seguintes questões: 1) Que lugar ocupam os religiosos na Igreja universal e local? 2) O que os bispos esperam dos religiosos? 3) O que os religiosos esperam dos bispos? 4) Meios concretos para assegurar uma cooperação ordenada e fecunda entre bispos e religiosos. A finalidade da Assembléia será sobretudo de caráter pastoral. Colocar em relevo a missão específica dos Institutos religiosos e examinar, em detalhes, a colaboração dos religiosos no nível de Igreja local. Nesta reunião de 31 de janeiro se debateu o que CONVERGÊNCIA passa apresentar.

## Responsabilidade do bispo e carisma dos religiosos

O bispo é a figura central da diocese. Seu lugar na pastoral diocesana é primordial e todos os ministérios devem se submeter à sua apreciação e à sua orientação. Mas de outro lado, o bispo deve respeitar o carisma da vida religiosa em geral e aquele próprio de cada Instituto em

# O CONSELHO DOS DEZESSEIS

particular. Não somente respeitar, mas também promover. Ora, isto nem sempre é o que se vê.

Constata-se que muito bispo se preocupa sobretudo — senão unicamente — com o serviço pastoral que os religiosos podem prestar. Em alguns casos, a culpa pode recair parcialmente nos próprios religiosos, como observou um Superior Geral. Por acaso, os religiosos fornecem informações suficientes ao bispo sobre a especificidade de sua vocação? Seja como for, é preciso descobrir o caminho capaz de sensibilizar os bispos para a vida religiosa e criar um clima de estima, de compreensão e de confiança mútuas.

Aquilo que acabamos de dizer a respeito dos bispos, pode-se aplicar igualmente com referência aos padres diocesanos, sublinha o Arcebis-

Por que se abandona uma obra? As vezes,

- por falta real de vocações,
- · ou por motivo ideológico,
- ou por motivos econômicos. Em qualquer circunstância se procura sempre salvaguardar o bem da Igreja e das almas.

po Mayer. Na formação recebida no seminário, com frequência, se deu pouca ou nenhuma importância ao estudo da vida religiosa. No entanto, o Decreto Conciliar sobre a formação sacerdotal pede que o conhecimento da vida religiosa seja ministrado aos seminaristas, Optatam Totius, 19.

Um dos critérios de avaliação da estima que o bispo tem pela vida religiosa é a medida em que fomenta as vocações para esta vida. Por sua vez, os religiosos devem favorecer igualmente as vocações para a vida sacerdotal diocesana. Os religiosos não têm apenas direitos a serem respeitados. Têm deveres a cumprir também, frente à pastoral diocesana. É lógico, não basta que os bispos conheçam o carisma dos religiosos. É indispensável que o aprofundem.

## Teoria e prática

Se os princípios são bastante claros, sua aplicação na prática pode ser fonte de dificuldades. Vamos citar algumas.

- 1.a) Há religiosos que se subtraem à autoridade de seus superiores para se submeter diretamente à autoridade do bispo que é o responsável direto pelo ministério sacerdotal que desempenham.
- 2.a) Há bispos que, encontrandose diante de uma necessidade pastoral, apelam para os religiosos sem se perguntar se aquela tarefa é conforme ao carisma daqueles religiosos. Em casos semelhantes, diz Dom Mayer, um diálogo paciente e perseverante, deve se estabelecer entre o bispo e Superior religioso. Conclui-se muitas vezes que não há contradição alguma. Pelo contrário, há até complementariedade entre o carisma do Instituto e a tarefa pastoral solicitada. Em outros casos, o bispo compreenderá que é preciso mesmo procurar um Instituto de outro gênero.
- 3.a) Há religiosos de direito diocesano que se encontram em dificuldade com seu bispo. Quando todos os religiosos do Instituto estão
  todos na mesma diocese, são menores os problemas. Complicam-se um
  pouco quando tais religiosos estão
  em dioceses diferentes ou em período de transição para um estatuto de
  Direito Pontifício.
- (4.4) O papel profético da vida religiosa nem sempre é compreendido pelo bispo. A este respeito foram feitas as seguintes observações:

- Se é verdade, como diz um Superior Geral, que algumas tensões são úteis ao bem da Igreja, os religiosos, mesmo aqueles que estão muito empenhados na pastoral em virtude de seu papel profético, não podem se esquecer que o único magistério na diocese vem do bispo. Não se pode constituir um magistério paralelo. Ou então a diocese terá um duplo pastor.
- ◆ O Cardeal Tabera, de feliz memória, acrescenta que os religiosos não desempenharão seu papel profético com belas palavras, mas pelo testemunho de sua vida e pelo estrito cumprimento de sua missão específica. Para responder a pergunta: Qual o lugar que ocupam os religiosos na Igreja universal e local, é indispensável aprofundar a eclesiologia da vida religiosa, sublinha por sua vez, o Pe. Hélio Gâmbari.
- Deve-se afinal observar que, quando há problemas e conflitos, as falhas estão, habitualmente, nos dois lados.

## Os problemas dos religiosos não sacerdotes e das religiosas

Os problemas dos religiosos não sacerdotes e das religiosas não são os mesmos dos religiosos sacerdotes. O caráter sacerdotal do religioso padre cria certa problemática. Não estando as religiosas e os irmãos leigos inseridos na pastoral especificamente sacerdotal, sua situação como religiosos é bem mais nítida. Um

Superior Geral indica três dificuldades experimentadas mais particularmente pelas religiosas:

1.ª Incompreensão da parte do bispo quando as religiosas devem abandonar uma obra. 2.ª) Recusa da parte de alguns bispos em permitir a entrada de aspirantes em Congregações Internacionais. 3.ª) Dificuldades de chamar a atenção do bispo para problemas morais existentes dentro da diocese.

Quanto à primeira dificuldade, a Sagrada Congregação para os Religiosos observa que, em conflitos deste gênero, o motivo apresentado para o abandono da obra precisa ser relevante. Se se trata de uma falta real de vocações, o bispo em geral faz menor oposição. Algumas vezes trata-se de motivo ideológico. A necessidade de mudar de apostolado e iniciar um outro que, diante da consciência de quem parte, é mais urgente e atual. Outras vezes, trata-se também de motivos econômicos.

Não se pode esquecer, lembra o Cardeal Tabera, que quando um Instituto religioso é acolhido numa diocese para aí exercer uma atividade determinada, ele está de algum modo, empenhando uma palavra responsável. A Sagrada Congregação para os Religiosos, a pedido das partes interessadas, interveio muitas vezes em conflitos semelhantes. Busca sempre, então, um equilíbrio entre as preocupações pastorais do bispo e as dificuldades do Instituto religioso. Busca, sobretudo, salvaguardar o bem da Igreja e das almas.

# LIVROS NOVOS

PASCALIA, José Eduardo Augusti. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 60. Um poema, uma meditação profundamente humana e cristã sobre o mistério pascal. Uma visão total do universo que se conscientiza no homem, na sua história, nas suas vitórias, nos seus fracassos, mas que adquire valor, uma suprema explicação, única e verdadeira, na Páscoa da Ressurreição. É um belo hino cósmico que nos dá a imagem da perfeita unidade em torno e em função do Cristo Ressuscitado.

NAS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ, Roque Schneider. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 104. O livro é dedicado aos "felizardos que ainda conservam a calma e o sorriso, em meio às voltas que o mundo dá". Mensagens rápidas, em estilo moderno, incisivo e quase filmico. A aceitação extraordinária por parte dos leitores, até o momento, dos livros da coleção APRENDER É VIVER é a melhor recomendação deste livro. São lições que devem ser Ildas e aprendidas por todos que sonham com um mundo em que o homem seja realmente amigo do homem.

O BATISMO, Pe. José Etspueler, SVD. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 96. O batismo que realiza o homem no pla-

no divino e humano é o tema deste livro. O autor segue o Concílio Vaticano II nos textos esporádicos sobre o batismo e nos princípios e Idélas. O homem adere a Cristo pela fé e pelo batismo em Cristo, o batismo no Espírito Santo, o batismo na Igreja. Este livro muito poderá ajudar para os cursos de preparação para o batismo.

FABULAS E PARABOLAS, para orar no Espírito, Maria J. R. Lamego e Haroldo J. Rahm, SJ. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 104. Deus encontrou diversas maneiras de comunicar-se com os homens. Entrou o Pai em contato com seus filhos através da palavra revelada. Cristo é a palavra mais eloquente que Deus pronunciou. E falou Deus ainda através da palavra existencial: os fatos e as coisas. Sempre os espíritos contemplativos souberam encontrar a Deus nas coisas e nos acontecimentos. Lembremo-nos das Florzinhas do Pobre de Assis ou da alma franciscana de Loyola. O Mestre usava habitualmente o recurso da parábola. Ninguém conseguiu inventar parábolas tão maravilhosas como Cristo. As coisas mais simples, os fatos mais corriqueiros da vida - a videira, as ovelhas, o banquete eram capazes de encarnar as verdades mais profundas, como a misteriosa ação da graça, a misericórdia de Deus, o Reino. Por Isso, o livro de Maria Lamego e Haroldo Rahm é válido. Nele nos ensinam a arte de, com fábulas e parábolas, orar no Espírito.

SEMINARIOS DE VIDA NO ESPÍRITO, Manual de Equipe. Idealizado pela Comunidade "A Palavra de Deus", Ann Arbor, Michigan, EUA. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 200. Tradução do original inglês The Life in the Spirit Seminars de Nikolaus Karwinsky. É o manual de Renovação Carismática Católica. Um conjunto de Seminários de evangelização que levam os participan-

tes a conhecer pessoalmente nosso Deus, Pai de Amor, Jesus Cristo como Salvador e Centro de nossa vida, que nos dá o Espírito Santo e os dons espirituais. A finalidade dos seminários é edificar grupos apostólicos de oração, o que acarreta um engajamento ativo na comunidade. A Renovação Carismática é uma das graças mais recentes e importantes que a Igreja Católica está recebendo hoje em dia. Estes seminários já estão traduzidos em coreano, chinês, francês, inglês, holandês, espanhol, italiano, sotho (língua bantu falada na África do Sul) e agora em português. Eles ajudam as pessoas a levar uma vida profunda no Espírito.

OS SACRAMENTOS DA VIDA E A VIDA DOS SACRAMENTOS, Leonardo Boff, OFM. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 84. CID, Centro de Investigação e Divulgação. Teologia/9.

Dedico este livrinho à montanha que visita sempre minha janela. As vezes o Sol a calcina. Outras, a afaga. Frequentemente a chuva a castiga. Não raro a névoa a envolve mansamente. Nunca a ouvi queixar-se por causa do calor ou do frio. Jamais cobrou alguma coisa por sua majestática beleza. Nem o agradecimento. Ela se dá simplesmente. Gratuitamente. Não é menos majestosa quando o Sol a acaricia do que quando o vento a açoita. Não cuida se a olham. Nem se incomoda se a galgam. Ela é como Deus: tudo suporta, tudo sofre, tudo acolhe. Deus se comporta como ela. Por isso a montanha é um sacramento de Deus. Revela, recorda, aponta, re-envia. Porque ela é assim, dedico-lhe, agradecido este livrinho. Nele se tenta falar a linguagem sacramental que ela não fala, mas
— o que é muito mais —
ela mesma é.

LIA PAULINA, Pe. Tiago Alberione. Tradução do original italiano lo sono con voi, com notas explicativas pelo Pe. José Barbero, SSP. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 168. Trata-se de uma edição crítica de um documento sobre a fundação, os carismas, os primórdios, os desígnios de Deus, em todas as instituições que formam a Família Paulina. O título original, como saiu da pena do fundador Pe. Tiago Alberione, é: Abundantes Divitiae Gratiae Suae.

ENCONTRO COM O QUARTO EVAN-GELHO, Johan Konings. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 96. De um trabalho comunitário entre mestre e alunos, entre cristãos conscientes que procuram na ciência, na teologia, um aprofundamento da fé, surgiu este livro. Seu caráter didático, longe de diminuir o interesse por sua leitura, dá-lhe clareza e limpidez, ajudando o leitor a ficar cada vez mais consciente da verdade religiosa contida nas palavras do evangelista. Um livro útil ao clero, às religiosas e a todos os cristãos, não apenas católicos, que sentem a necessidade de buscar na palavra de Deus o fundamento de suas vidas.

ADAPTAÇÃO ESCOLAR, Diagnóstico e Orientação, Maria Helena Novaes. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 112.

O presente livro visa a analisar as modalidades adaptativas dos comportamentos escolares através de aproximações teórico-descritivas da conduta adaptativa e do estudo psicológico dos componentes básicos do processo da

adaptação escolar. Um dos principais objetivos é deslocar a atenção dos profissionais que trabalham em educação, até então quase que exclusivamente voltada para os problemas e dificuldades de adaptação de alunos, para dinamismos psicológicos desse processo que envolve todos os elementos da comunidade escolar, propondo-se estratégias de diagnóstico individual, social e institucional, bem como a orientação junto aos alunos, professores, pais e diretores, em geral.

Primeiramente são apresentados fundamentos teóricos de diversos enfoques psicológicos; a seguir são estudados aspectos fundamentais do processo adaptativo, salientando-se a importância do clima psicológico da escola, a repercussão dos níveis das expectativas na interação aluno-professor e viceversa, tendo sido feita investigação de campo com alunos universitários. Através da casuística ilustram-se as estratégias, destacando-se a ação preventiva do psicólogo escolar e o papel da Escola na atual fenomenologia da educação, no sentido de melhor equacionar as situações escolares e dimensionar objetivamente as situações que possam surgir no processo de adaptação escolar.

O IRMÃO FRANCISCO PASSA ENTRE OS HOMENS, Frei Hugo D. Baggio, OFM. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 96. É o primeiro volume de uma coleção que se chama Estudos Franciscanos, uma iniciativa do Secretariado Nacional da Ordem Franciscana Secular. Visa fornecer aos Franciscanos da III Ordem, biografias, estudos,

comentários, documentos relativos à espiritualidade franciscana. Pretende ajudar os franciscanos e os admiradores
e devotos de São Francisco a melhor
conhecer a riqueza da espiritualidade
ligada ao Poverello e, conhecendo-a,
traduzi-la na vida de cada dia neste
século que, segundo os últimos Papas,
anda tremendamente necessitado da
espiritualidade sempre jovem e atual
de São Francisco de Assis.

NARRATIVA DA CUSTÓDIA DE SAN-TO ANTÔNIO DO BRASIL, Frei Manuel da Ilha, OFM. Tradução, Introdução e Notas por Frei Ildefonso Silveira, OFM. Ano 1975. Páginas 152. Texto bilingüe: português e latim. Trata-se de um documento da história do Brasil, comemorando o tricentenário da Província Franciscana da Imaculada Conceição. A Narrativa de Frei Manuel, publicada três séculos após ter sido escrita, transmite preciosa documentação quinhentista relativa à fundação da Irmandade Baiana de Santo Antônio de Arguim e às Missões mantidas na Paraíba, relatando ainda fatos bem anteriores à esta data.

O ASSUNTO É MULHER, Lúcia Jordão Vilela. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 100. Neste Ano Internacional da Mulher ela será objeto de filmes, conferências, livros, estudos especializados nos diversos setores. Estas páginas esboçam traços biográficos de figuras femininas mostrando a irradiação de suas personalidades. Poderá esta brochura contribuir para levar à mulher brasileira alegria na fidelidade à sua vocação.

MEU CRISTO AMIGO, Irmão Nery FCS. Coedição Vozes e Sono-Viso. Ano 1975. Páginas 24. Primeiro volume: Infância de Jesus. São cinco fascículos. A obra completa do Irmão Nery consta de dez fascículos para crianças de 8 a 10 anos. Revela de modo envolvente, cativante e vivencial os dados principais da vida e mensagem de Jesus Cristo com as devidas consequências para a criança, sua família, seu relacionamento com os outros, seu trabalho. A obra completa é publicada em dois vo-Material suplementar como: lumes. slides coloridos, fita explicativa, compactos com 16 canções, pode ser encontrado na Sono-Viso do Brasil.

## RECEBEMOS DAS EDIÇÕES LOYOLA

A DANÇA DE DAVI, Francisco Sparta. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 136. O observador hesitante entre a religião mais quente e a mais intelectual, entre a dança de Davi e a oração de Salomão, será provavelmente levado a concluir que as duas formas são igualmente boas para populações distintas. Os integrantes de cada um dos dois grupos podem aprender uns dos outros e misturar-se temporariamente. No entanto, ao menos no Brasil, a população de um tipo de vivência religiosa nunca passará completamente para outro tipo, distinto e quase oposto ao seu. Pelos decênios ou séculos em que os santuários ainda permanecerão entre os cristãos, o fervor peculiar dos peregrinos proporciona à Igreja uma especial oportunidade de exercer para com eles os papéis de evangelização, purificação, progresso, ecumenismo, redenção. 2. ENTRE SEM BATER, Héber Salvador de Lima. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 136. São mensagens ritmadas (poesias) homenageando os 25 anos de sacerdócio do autor. Mensagens rápidas, em estilo moderno e quase rítmico. 3. ORIENTAÇÕES TEOLÓGICAS E PASTORAIS da Renovação Carismática Católica. Iniciativa e coordenação do Cardeal Suenens e de um grupo de 14 especialistas: sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos. Edições Loyola. Ano 1975, Páginas 80.

TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGI-CO E SUAS APLICAÇÕES NO BRASIL, Testes de Personalidade. Odette Lourenção Van Kolck. Editora Vozes Ltda. Ano 1975. Páginas 444.

O trabalho apresentado neste livro corresponde, pela sua originalidade e pelo seu aspecto estritamente pessoal, a uma necessidade premente dos currículos de nossas Faculdades e ao desejo também de nossos profissionais da área, de terem em mãos, num único livro, uma seleção suficientemente completa e didática dos principais testes atualmente em uso. O aspecto didático e original da obra manifesta sobretudo em quatro pontos: a sistematização geral da distribuição, em partes e capítulos, que obedecem a um esquema próprio decorrente da maneira peculiar de abordar os testes como um todo; Um plano uniforme de apresentação de cada teste, segundo tópicos considerados relevantes para a completa caracterização do instrumento; a existência de uma apreciação sobre cada teste em

estudo; menção dos trabalhos brasileiros sobre o teste analisado, assim como realce aos testes de origem e/ou adaptação brasileiras. Este último aspecto merece destaque especial, pois nele reside certamente o maior mérito do livro e sua principal contribuição para a literatura especializada. A obra consta de dois volumes, com o mesmo título genérico. O primeiro é sobre TESTES DE APTIDÕES, já à venda. O segundo, é este que apresentamos sobre TESTES DE PERSONALIDADE. O livro é para mestres e estudantes dos cursos de Psicologia Educacional e os Institutos e Clínicas especializados.

COMO ORIENTAR PAIS E FILHOS PARA O CULTO, Frei Bernardo Cansi, OFMCap. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 108. Com sua grande experiência em catequese e pastoral, este livro é fruto do trabalho junto ao povo, junto aos pais e aos educadores. Em linguagem acessível e muito simples, elabora um roteiro seguro em que são vividas as principais noções e os mais fundamentais atos da liturgia, do culto cristão. O autor explica de maneira clara, sem diminuir a grandeza dos temas, o que é liturgia, o que ela poderá significar na vida de cada um, como poderá ajudar na formação cristã, no aprofundamento da vida espiritual, na vivência de uma comunidade paroquial, nas diversas atitudes diante dos fatos, dos atos e dos sinais sagrados.

A PESQUISA EXPERIMENTAL, em Psicologia e Educação, Aroldo Rodrigues. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 254.

Este livro é fruto de vários anos de atividades didáticas na área dos fundamentos e do instrumental mais comumente utilizados em pesquisas psicológica e educacional. O leitor poderá sentir na própria linguagem do autor e na clareza das explanações o quanto lhe valeu sua experiência como professor, obrigado a adaptar o seu estilo às críticas e perguntas dos alunos. Tratando especificamente da adequação da pesquisa experimental aos campos da psicologia e da educação: mostrando posições, conceitos e princípios fundamentais ao pesquisador experimental nessas áreas; expondo os conceitos básicos de inferência estatística necessários ao uso consciente da mesma em pesquisa experimental e apresentando as estatísticas mais comumente utilizadas nestes campos, o autor presta um imenso serviço àqueles que se dedicam a essas disciplinas, como estudantes ou

mesmo como profissionais, uma vez que, no Brasil, atualmente uma razoável parte dos interessados reconhecem a carência, não apenas de pessoal capaz de conduzir, em sua totalidade, este tipo de pesquisa, como também de livros sobre o assunto, sobretudo adaptados às nossas peculiaridades culturais e como todas as qualidades didáticas aqui apresentadas. É um livro prático, que inclusive apresenta as tabelas necessárias à utilização das técnicas estatísticas e propõe um fluxograma para a escolha do teste estatístico apropriado.

#### **OUTROS LIVROS DE VOZES:**

O MODELO MATEMÁTICO DOS JUROS, uma abordagem sistêmica. Antônio Carlos Marques Mattos. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 272. NARRATIVA PORTUGUESA, em processo de
fragmentação. Maria de Lourdes Netto
Simões. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 78. PIQUE, Regis Castro. Editora
Vozes. Ano 1975. Páginas 140.

Crédito-Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor. Distribuição e venda-Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais. Investimentos -Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

O Denasa presta todos os serviços de um banco de investimento. E está entre os 10 grandes.

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira Conselheirox Lucas Lopes Baldomero Barbará Filho Louis Steuerman Luiz G. de Souza Lima Victor Nunes Leal Fernando Geraldo Simonsen Mme. Liliane V. Schneider

Diretoria Executiva Presidente Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes Rodrigo P. de Pádua Lopes Roberto Lima Neto Rodolfo E. Antici Carlos Alberto Mendes Henrique Souza Lima

Diretores Lúcio Santos Pereira Marcos Milliet José Guilherme Padilha Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta Carlos Murilo F. dos Santos Wladimir Rioli Julio Rego Evandro F. Paiva

## Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A. Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022 São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880 Belo Horizonje - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e Av. Amazonas, 311 - 7.º andar - Tel.: 22-1577 Brasilia - Edificio Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609 Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140